

FAPCOMUNICA

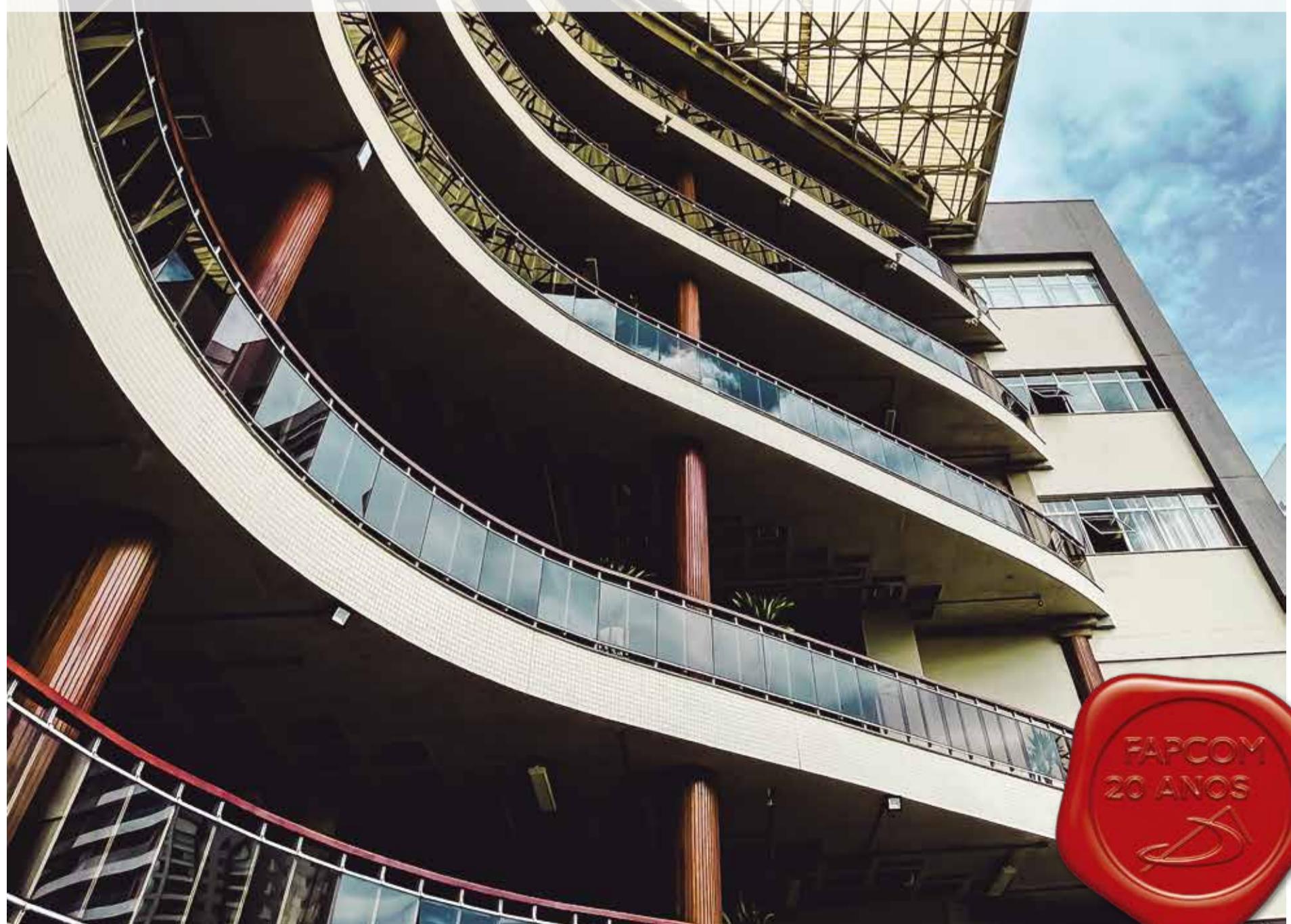
Ano 12 | Nº 21 | Outubro de 2025 | Edição Especial



Jornal Laboratório da Faculdade Paulus de Comunicação



FAPCOM 20 ANOS



A casa é sua, não importa o tempo que passar

Quantas histórias cabem em duas décadas? Quantos sonhos realizados, amores vividos, filhos nascidos? Quantas tentativas em vão, noites sem dormir, corações partidos? Impossível registrar todos os episódios que marcam a nossa vida, mas o exercício de rememorar os momentos felizes parece um bom começo para entender a importância de um espaço que acolhe e prepara para o futuro. Essa é a proposta desta edição do FAPCOMUNICA, que estampa os 20 anos da Fapcom (Faculdade Paulus de Comunicação), casa de tantos talentos que ajudaram a consolidar a nossa imagem no cenário educacional. As próximas páginas trazem histórias de egressos que entenderam desde cedo qual é a missão da instituição: formar profissionais humanizados, comprometidos com a ética e responsáveis por ajudar na construção de uma sociedade mais justa.

Esse cuidado de formar pessoas além da técnica é o nosso diferencial. É verdade. Quem já passou por aqui entende bem o significado desta frase, porque humanizar as relações é o que nos move diante de um cenário de incertezas. É bom saber que conseguimos nos manter firmes no propósito durante todo esse tempo, transmitindo essa ideia a milhares de estudantes de Filosofia, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Produção Audiovisual, Fotografia, Rádio, TV e Internet. Agora, longe dessa casa, são eles que mostram o quanto a nossa diferença é o que torna o ser humano tão interessante e rico.

Esse pensamento nos guia de maneira especial nesta edição, que abre as portas da nossa faculdade para revelar que educar é acolher. Refletimos sobre a importância da religiosidade no fortalecimento de laços comunitários e mostramos como a fé ainda marca o modelo arquitônico da Vila Mariana. Os alunos que produziram este exemplar ouviram especialistas, moradores e frequentadores da região para entender como a presença da igreja católica, dos paulinos e da Fapcom dá ao bairro um caráter único. Mas também discutimos sobre o medo de alimentar a intolerância quando nos afastamos do diálogo.

As memórias compartilhadas aqui também demons-

tram a importância de projetos sociais como o “Mariana em Movimento”, que oferece oficinas gratuitas dentro da nossa instituição a jovens do Ensino Médio que necessitam de apoio para escolher uma profissão. Falamos com alunos, professores e os idealizadores do programa a respeito das angústias de adolescentes cheios de sonhos - alguns escolhem realizá-los na Fapcom. Sorte a nossa.

Por falar em sorte, esta edição comemorativa tem parabéns em dobro. Afinal, a Vila Mariana completa 130 anos. E já que estamos falando da simbologia da palavra casa, reservamos uma página inteira para ouvir moradores que nasceram, cresceram, criaram filhos e netos aqui. Nossa equipe de reportagem foi recebida com bolo no lar de duas irmãs que vivenciam as mudanças da região de perto. Em uma mesa antiga, carregada de memórias, elas contaram a corajosa história da mãe, a Therezinha, que resistiu bravamente às investidas do mercado imobiliário. No meio de prédios altos, a casa centenária da família se junta às poucas que persistem em manter a originalidade de uma vila no meio da cidade grande.

Preservar esse ambiente também faz parte da luta dos moradores da Chácara das Jaboticabeiras, que desde 2019 brigam na Justiça para conseguir o tombamento do terriório. Fomos até lá para conferir a beleza das ruas com paralelepípedos, das praças arborizadas, além da grande biodiversidade de flora e fauna da Chácara, que abriga a nascente do córrego do Sapateiro - ele segue até o Parque Ibirapuera. Ficou fácil compreender o motivo da batalha desses cidadãos para garantir que o espaço seja protegido da urbanização desenfreada.

E essa nossa insistência de manter um jornalismo voltado às questões latentes da nossa comunidade nos fez perceber que cuidar do Meio Ambiente é, sim, cuidar da nossa casa. Hoje, uma intensa ilha de calor atinge a Vila Mariana, quem passa por aqui sente o desconforto térmico que dificulta a realização de atividades básicas. Especialistas explicaram esse fenômeno, mas do que uma análise técnica sobre como é possível mitigar os efeitos dessa crise, orientaram como proteger crianças, idosos e pets em dias quentes.

Reparem que o verbo cuidar (mesmo quando usamos sinônimos) aparece com frequência. E, se não for pedir muito, cuidem com carinho da leitura sobre a segurança das famílias que vivem na comunidade Souza Ramos e são ameaçadas a deixar o único espaço que conhecem como lar para dar espaço a túneis. A luta dessas pessoas é contada nesta edição, que também denuncia a invisibilidade de cidadãos como o Seu Manoel, que enche essas páginas de esperança ao compartilhar a vontade de existir para além dos estigmas sociais. O conhecido senhor do “Bom dia” faz parte das minorias pouco ouvidas, como as mulheres que enfrentam assédio e se calam diante do medo, ou das pessoas surdas, excluídas pela falta de profissionais letRADOS em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Abordamos tudo isso aqui.

Mas a nossa esperança na sociedade é renovada quando compartilhamos políticas públicas voltadas a valorização de pessoas trans. Na Vila Mariana, o CRT (Centro de Referência e Treinamento) DST/AIDS é como um lar para quem sofre preconceitos todos os dias, em todos os lugares. A infectologista Maria Felipe e as pacientes Camila, Patrícia e Alícia compartilham que um atendimento humanizado é tradução de dignidade. E não para por aí. Despida de julgamentos, nossa reportagem foi entender melhor como funcionam as casas de repouso da região que se tornaram moradas de idosos e trabalham para apagar o rótulo de “casas de esquecimento”.

Convidamos a todos para uma leitura repleta de histórias que inspiram, provocam um olhar crítico sobre os problemas da nossa região, mas nos fazem relembrar dias bons e refletir sobre a beleza do tempo no nosso bairro, que transborda vida, seja nos muros das ruas, nas paredes da Cinemateca, que abriga a memória do cinema nacional, ou nas quadras do Ibirapuera, nosso ginásio a céu aberto. Aqui é a casa de atletas de todos os cantos, da população flutuante, de paulistas que buscam saúde e educação de qualidade, nossos brechós e nossas pizzas. Sim, essa casa também é sua. Volte sempre.

PE. JOSÉ ERIVALDO DANTAS
DIRETOR DA FAPCOM

Destaques da edição

A comunicação é um instrumento de construção de sentidos, valores e realidades sociais

Pe. Erivaldo Dantas – diretor da FAPCOM (p. 4)

Noticiar a periferia me faz entender o tipo de jornalismo que eu queria fazer

Jéssica Moreira – egressa da FAPCOM (p. 5)

Eu não queria que destruíssem tantas casas bonitas que têm por aqui [na Vila Mariana]

Marina – moradora do bairro desde que nasceu (p. 9)

Colocaram placas, veio trator, veio caminhão. Ficou todo mundo desesperado

Marcia de Lima – moradora da Souza Ramos (p. 13)

Não existe equidade quando a gente fala de saúde trans, travesti e não binária

Maria Felipe – médica transexual que atua no CRT (p. 15)

FAPCOMUNICA

Ano 12 | Nº 21 | Outubro de 2025
Edição Especial

Impressão: Gráfica Paulus
Tiragem: 2.000 exemplares

FAPCOMUNICA é o jornal laboratório da FAPCOM, um Projeto de Extensão dos estudantes de Jornalismo que praticam habilidades e se comunicam com a comunidade por meio de reportagens que impactam a sociedade local. **FAPCOM - Faculdade Paulus de Comunicação** | Endereço: Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana - São Paulo/SP - 04017-030 | Telefones: (11) 0800 709 8707 (11) 2139-8500 | www.fapcom.edu.br | EXPEDIENTE: Direção: Pe. José Erivaldo Dantas | Assessoria Acadêmica: Tiago Souza Machado Casado | Coordenação Acadêmica de Jornalismo: Rita Donato | Conselho Editorial: Pe. Erivaldo Dantas, Profa. Rita Donato, Profa. Deise Oliveira, Prof. Bruno César dos Santos | Coordenação de Redação e Edição: Profa. Rita Donato - Mtb 50.059 | Subeditor desta edição: Pedro Negri (concluinte do curso de Jornalismo) | Projeto Gráfico e Coordenação de Diagramação: Profa. Luma Oliveira | Capa: Profa. Luma Oliveira | Foto da capa: Gabriel Freitas (@gfreitas.photos), aluno egresso do curso de Fotografia | Selo da Edição Especial: Lívia Fantini | Revisão: Prof. Bruno César dos Santos e Profa. Bruna Ramos da Fonte | Produção: alunos do 3º semestre de Jornalismo - 2025/1 (matutino e noturno).

Portal de notícias - Os alunos do 3º semestre também atuaram na produção de conteúdos para o portal EntreFocos: www.entrefochos.com.br. | Estudantes do 5º semestre produziram conteúdos jornalísticos para o Instagram do portal: @entrefochosjr. | Supervisão: Profa. Rita Donato.

Ensino além da técnica: 20 anos de Fapcom

Quando o acolhimento de um ambiente acadêmico transforma narrativas



LEGADO: Para alunos e professores, a instituição se destaca por preservar a ética, a criatividade e o pensamento crítico

FOTO: GABRIELLA EMETÉRIA

“Formar comunicadores para um novo tempo” esse é o legado que a Fapcom (Faculdade Paulus de Comunicação) construiu nos últimos 20 anos. Com fundação no dia 31 de outubro de 2005, a Vila Mariana passou a ser a segunda residência da equipe docente e dos mais de cinco mil alunos que construíram suas histórias por meio dos pilares da educação fapconiana, formados para atuar no mercado de trabalho com ética, profissionalismo e responsabilidade social.

A missão de formar comunicadores comprometidos com esses valores, aliás, é a preocupação da instituição. Isso porque, segundo a FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), o jornalismo brasileiro precisa reforçar o compromisso ético, além de se manter consolidado como um pilar de defesa da democracia. Por isso, a faculdade não abre mão da inserção de disciplinas que reforcem o pensamento crítico e o compromisso com a verdade na formação de novos comunicadores. O ensino focado no cuidado em formar profissionais além da técnica torna a Fapcom um destaque para os alunos, impactando positivamente as vidas acadêmicas e pessoais.

“Somos constantemente estimulados nas aulas a refletir sobre questões sociais, éticas e culturais, a respeitar a diversidade e agir com empatia e responsabilidade ao próximo, e isso já começa no próprio ambiente acadêmico da faculdade”, destaca a aluna de jornalismo Tayna de Paula Correa, natural de Tabuá que enfrenta, pela primeira vez, os desafios de morar longe da sua família em busca de um formação que dialoga com a expectativa sobre a profissão. Esse olhar sensível traduz uma marca presente em toda a estrutura

da Fapcom. O impacto dos valores humanísticos no ambiente acadêmico é um dos destaques do crescimento da faculdade ao longo das últimas décadas. Ligada à história da Pia Sociedade de São Paulo - congregação religiosa dos Padres e Irmãos Paulinos -, a gestão da faculdade faz com que uma comunicação ética e responsável seja colocada em prática dentro e fora da sala de aula, com projetos de extensão e pesquisas científicas pautadas na realidade. “É uma faculdade que já nasceu focada nessas áreas e que entende como o mercado muda rápido. É, uma instituição que tem ‘espírito jovem’, afirma Thamires Regina, aluna de Publicidade e Propaganda.

COMBATER A DESINFORMAÇÃO

Em duas décadas, a sociedade se transformou, o jornalismo e a educação também. Para os professores da Fapcom, o desafio atual é lidar com o cenário de desinformação, com os discursos de ódio e com o compromisso ético no uso de ferramentas de inteligência artificial. A tarefa principal é mostrar que, para além do mercado de trabalho, é possível preparar jovens mais humanos e que estejam interessados em obter uma formação completa, conectada com as necessidades reais desse tempo. “Existe uma demanda falaciosa tecnicista que dá uma tonalidade ao Ensino Superior de preparo para o mundo do trabalho. Essa suposta demanda, escamoteia a pessoa, faz com que, quem se forma, seja, às vezes, incapaz de interpretar um texto. Além de formar indivíduos de ética duvidosa, acarreta em pessoas sem criatividade, já que o pensamento abstrato é alimentado de diversas conexões, mesmo aquelas de aparência mais distante, como a responsabilidade social”, afirma a professora Patrícia

Campinas, que reforça a importância da comunicação como ferramenta de transformação social.

Aluna de Produção Audiovisual, Gabriela Marcelino Martinez concorda com a educadora e reforça que o diferencial da instituição é o investimento no ser humano. “As nossas aulas também são muito pautadas no respeito com o outro e no olhar crítico para o mundo. Como comunicadora, eu acredito que trazer questões que vão impactar a sociedade positivamente e gerar uma transformação, é um grande efeito desse aprendizado e

que eu quero realizar com o meu trabalho”, compartilha.

E essa proposta de não naturalizar o comum, mas investir no pensamento crítico e buscar a diferenciação parece ponto de entendimento entre os estudantes. “A faculdade acaba funcionando como uma ponte entre a educação e a prática cultural, oferecendo oportunidades para experimentar, produzir conteúdo e participar de discussões importantes”, sugere Maria Luiza Andreotti Nabarrete que cursa Rádio, TV e Internet, que também observa a forma como a faculdade acompanha

“as evoluções tecnológicas e tendências da comunicação, oferecendo uma formação conectada com a realidade do mercado.”

Para o estudante de Filosofia, Eliá Cardoso, o diferencial da instituição é justamente o fato de formar profissionais capazes de criar informações, interpretá-las e transmiti-las de modo verdadeiro. “A Fapcom procura formar não apenas profissionais aptos para um mercado, mas seres humanos com senso crítico de maneira que consigam atender as demandas da sociedade no que diz respeito à comunicação.”

Liberdade para criar e apoio para tirar projetos do papel

Os futuros comunicadores têm liberdade e apoio da instituição para criar os próprios projetos dentro da faculdade, sejam eles situados dentro das disciplinas de extensão - oportunidade de produzir produtos que impactam a sociedade - iniciativas científicas ou projetos profissionais desvinculados com matérias da grade curricular, mas que são enriquecidos pelos conhecimentos adquiridos na formação acadêmica.

“A Vila Mariana já é um bairro cheio de cultura e educação, mas a Fapcom acaba potencializando isso. Ela traz eventos, debates, projetos sociais. A faculdade não é só um prédio de estudo, ela realmente faz parte da vida cultural do bairro. E isso é muito legal, porque inspira a gente o tempo todo e nos mantém engajados”, destaca Thamires Regina, aluna de Publicidade e Propaganda.

Entre campanhas de doação de sangue, programas esportivos de mesa redonda, documentários em áudio e vídeo, criação de campanhas e planos estratégicos de comunicação, uma iniciativa fora do âmbito disciplinar nasceu em 2023 e passou a movimentar a vida universitária. Com o objetivo de fortalecer a integração entre os alunos, promover a prática de esportes e eventos sociais, os alunos criaram a Atletica Phoenix (Associação Acadêmica Atlética Phoenix) com o apoio da Direção

“A gente promove essa integração constante entre os alunos, sejam eles de cursos diferentes, semestres, períodos diferentes (matutino, noturno), com a própria comunidade acadêmica, com a própria Fapcom. Muitos dos nossos eventos são feitos dentro da faculdade, para disseminar ainda mais esse espírito fapconiano,

de bater no peito e falar ‘Eu sou Fapcom, só quem vive conhece’, como um dos nossos gritos principais disseminam”, destaca uma das presidente, Julia Aparecida Lima, aluna de Relações Públicas.

Levar o nome da faculdade a novos ambientes é um dos pontos em comum entre a atlética e a universidade. Seja por meio dos campeonatos esportivos ou projetos como o Aluno Empreendedor e a Feira do Livro, todos têm a chance de vivenciar novos momentos, além de criar laços. “A Fapcom incentiva os alunos a seguirem, a sonharem e idealizarem”, resume Julia.

'Oferecemos educação alinhada às demandas'

Para o diretor da Fapcom, formação deve envolver ética e responsabilidade social



DIRETORIA: Pe. Erivaldo Dantas fala sobre a necessidade de uma 'educação mais humanizada'

FOTO: MARIANA PICCIARELLI E SOUZA

Ao percorrer os andares fapcianos, é possível entender a responsabilidade que a faculdade tem com os "profissionais do futuro". A estrutura criada há 20 anos se manteve moderna, já que foi adaptada para suprir as necessidades dos alunos com estúdios e laboratórios de fotografia, televisão e rádio. Segundo o diretor da Fapcom, Pe. Dr. José Erivaldo Dantas, os cursos vão além do processo de aprendizagem, pois os alunos são incentivados a compreender o papel social que a comunicação exerce na sociedade contemporânea.

Esse equilíbrio entre técnica, teoria e consciência social é a essencial da instituição. "Desde a fundação, a Fapcom tem um projeto institucional bem definido: formar profissionais não apenas com excelência técnica, mas comprometidos com a transformação integral da pessoa humana. Isso significa oferecer uma formação que articula conhecimento, ética e responsabilidade social, preparando os estudantes para atuarem com consciência crítica, sensibilidade social e compromisso com o bem comum", afirma o gestor.

Na avaliação do padre, ao lon-

go das últimas décadas, a faculdade conseguiu transformar os objetivos institucionais em práticas educacionais inovadoras. "Fruto de um compromisso contínuo com a qualidade acadêmica, sustentado por um corpo docente altamente qualificado e por uma proposta pedagógica alinhada às transformações do mercado e da sociedade", pontua.

Essa estrutura conversa diretamente com a essência humanista da Fapcom. Mais do que disponibilizar equipamentos de qualidade, os professores afirmam que o objetivo é assegurar

que esses recursos estejam alinhados com uma formação ética, reflexiva e atenta às mudanças sociais. "A instituição compreende que a comunicação não é apenas uma ferramenta técnica, mas um instrumento poderoso de construção de sentidos, valores e realidades sociais", retoma o diretor, reforçando que combinar ambientes acolhedores com um corpo docente comprometido e um projeto pedagógico sensível às transformações faz com que a faculdade transforme os espaços em centros de experimentação, lazer e aprendizado real.

A Fapcom contribui para o desenvolvimento econômico, social e cultural da Vila Mariana. Temos orgulho de escrever um capítulo dessa história

Pe. Erivaldo Dantas, diretor da FAPCOM

Professor dos cursos de Rádio, TV e Internet e Produção Audiovisual, Fernando Mariano explica como isso ocorre na prática: a instituição procura trabalhar com um conteúdo que não é fechado. "É mais dinâmico, independentemente se a matéria é prática e teórica. Esse é o cuidado que as coordenações e muitos professores têm de atualizar o conteúdo, de olhar para novas perspectivas", relata o educador, que coordenou os cursos durante nove anos. Para Mariano, essa estrutura é fruto de uma visão administrativa estratégica focada nas pessoas. "Há uma mudança na questão de olhar para o ser humano", comenta, ao destacar que com o tempo as gestões se tornaram mais presentes.

A professora Marcella Faria con-

corda. Docente de disciplinas mais teóricas e que envolvem todos os cursos, a educadora reforça que é preciso envolvimento para entender como a área da comunicação foi pensada. "É uma coisa muito mais ampla do que você executar a escolha de uma mídia", pondera, ao tratar do impacto que a comunicação exerce na dinâmica social. E esse olhar diferenciado, pautado no compromisso com o próximo tem reflexos positivos. "Conheço recrutadores de estágio que me falam da Fapcom com conhecimento e desejo. E as palavras expressam o quanto bem preparados são nossos alunos", complementa a professora Patrícia Campinas.

ALÉM DA SALA DE AULA

Para o professor Luís Mauro Sá Martino, trocar experiências é a característica primordial para as relações. E não há lugar melhor para exercer essa prática do que a sala de aula. Autor de obras de referência na grade curricular da Fapcom, o docente compartilha que seus livros nasceram das trocas entre estudantes e colegas no ambiente universitário. "Se os livros têm essas qualidades, isso se deve a esses diálogos. Acredito que o conhecimento acontece no diálogo, e esses livros procuram propor isso", relata o doutor em Ciências Sociais e coordenador do Núcleo de Pesquisa da instituição.

A partir desses diálogos, Luís Mauro valoriza a construção da responsabilidade social em cada um dos alunos. "É importante lembrarmos que, antes de cada tela, de cada mensagem, existe um ser humano. Todos temos essa responsabilidade quase infinita de lembrar que atrás da tela existe um rosto", reforça o educador.

E essa forma crítica de acompanhar as transformações da área passa pelos valores da faculdade para fortalecer os vínculos entre professores, funcionários, direção e os colegas que carregam em si a promessa do futuro. "Manter uma instituição de ensino superior no Brasil é, por si só, um desafio contínuo. Ainda assim, a FAPCOM tem conseguido superar essas dificuldades com dedicação, inovação e compromisso com a qualidade acadêmica", conclui o diretor.

Novas histórias dão vida aos corredores da instituição

A cada semestre, os corredores da Fapcom ganham novos rostos, histórias e oportunidades únicas. Com a chegada de novas turmas, a instituição se enche de esperança e novas vozes acadêmicas. "Quanto mais gente, melhor. Com bastante aluno, a hora passa mais rápido, é bem melhor", afirma o funcionário mais antigo da Fapcom, Antenor Carlos, um dos responsáveis por manter a ordem nos espaços. A presença dos calouros é sempre um momento único para ele, que cuida de cada canto como a verdadeira casa, porque entende que todos trabalham com sonhos, cenário normal para quem decide dar o primeiro passo na jornada da vida.

Antenor tem razão. Para muitos alunos, a Fapcom representa a primeira conquista acadêmica em direção ao mercado de trabalho. "Cursar Publicidade e Propaganda é 100% a minha cara. Cada projeto que a gente desen-

volve, seja documentário, redação ou ensaio fotográfico, só confirma o quanto eu sou apaixonada por esse universo. E a FAP me proporciona viver essa paixão todos os dias, com muita prática, criatividade e inspiração", afirma a caloura Thamires Regina.

Com a chegada de novos estudantes, a instituição reafirma o compromisso em acolher, orientar e inspirar. Desde o primeiro dia, os calouros são apresentados a um ambiente que valoriza o diálogo, o coletivo e o desenvolvimento integral. Em cada estúdio, laboratório e sala de aula, há um convite para que os alunos construam trajetórias com autonomia, solidariedade, criatividade e humanidade.

A importância dos estudantes para a história da Fapcom é reconhecida pelo diretor da faculdade. "As maiores conquistas são, sem dúvida, os alunos e egressos", relata padre Erival-

do, reforçando que o relacionamento que a faculdade tem com os alunos ajuda a consolidar a formação de comunicadores diferenciados, que atuam com sensibilidade social e mantêm um compromisso com o bem comum não somente no mercado de trabalho, mas também no meio social no qual estão inseridos.

É nesse ambiente que os comunicadores são incentivados a ousar, aprender com os erros e acertar com consciência, empatia e responsabilidade social. A experiência prática dentro da Fapcom é pensada para preparar o aluno além da sala de aula, formando profissionais capazes de atuar com excelência, mas também com propósito.

REPORTAGEM: GABRIELLA EMETÉRIA, MARIANA PICCIARELLI E PRISCILA GONZALES
DIAGRAMAÇÃO: MARIANA PICCIARELLI



PRÁTICA: Comunicação criativa no campus motiva alunos

FOTO: GABRIEL FREITAS

Os anos passam, os ideais permanecem

‘Eu me pergunto: o que teria sido se tivesse desistido?’, diz ex-aluno Luizão



ESPECIAL FAPCOM 20 ANOS: A importância da prática para lidar com o mercado de trabalho

FOTO: LETICIA NASCIMENTO

“O pensamento crítico que aprendi ali muitas vezes foi o que me manteve de pé”. Ao longo de duas décadas, a Fapcom formou profissionais que atuam em diferentes frentes da comunicação. Mas em muitos casos, o que permanece não é apenas o diploma: é o que foi construído entre debates, leituras e enfrentamentos. O que se aprende em sala de aula, dizem os ex-alunos, permanece — e sustenta os desafios do mercado.

A vivência universitária, segundo os egressos, foi o que de fato moldou suas trajetórias. O contato com diferentes linguagens, o espaço para testar ideias e a proximidade com os professores são apontados como aspectos centrais da formação. Professores como Marcelo Caldeira, professor da área de roteiro e produção para TV, e Claudio Fattigatti, professor de Língua Portuguesa são citados como figuras inspiradoras, que foram além do ensino tradicional ao apoiar projetos e incentivar o pensamento criativo.

A jornalista Carina Franco é um exemplo de como a Fapcom impõe vidas. Ela relembra a instituição como seu primeiro espaço de acesso a recursos e acompanhamento pedagógico contínuo, fundamentais para o desenvolvimento de um olhar crítico e social. “Fiz aulas de reforço com ele aos sábados por mais de seis meses; esse apoio foi essencial para superar minhas deficiências no texto e concluir a faculdade,” afirma.

A liberdade criativa e o incentivo à experimentação também são apontados como pilares da formação. A possibilidade de errar, propor ideias e aplicar conhecimentos em projetos reais contribuiu para o amadurecimento dos estudantes em um mercado em constante transformação. Mesmo após a formatura, muitos egressos mantêm vínculos com a Fapcom, retornando como convidados, colaboradores ou simplesmente para revisitar o local onde suas histórias começaram. Ao completar 20 anos, a faculdade celebra não apenas sua história, mas também o legado construído por aqueles que passaram por suas salas e hoje mudam o mundo da comunicação.

Entre os desafios mais recorrentes relatados pelos egressos está a dificuldade em conquistar o primeiro emprego formal na área de formação. Com a abolição da obrigatoriedade do diploma de jornalismo em 2009, instaurou-se

entender o tipo de jornalismo que eu queria fazer”, afirma. Durante a graduação, ela aprofundou os estudos em pautas ligadas aos direitos humanos — como a luta das mulheres, das populações negras e indígenas — e isso moldou seu olhar profissional. “Hoje cubro qualquer editoria, mas com um olhar mais atento para as histórias que costumam ser invisibilizadas”, completa. O posicionamento crítico diante da realidade, o interesse genuíno pelo tema e o cuidado com a escuta são características frequentemente atribuídas aos egressos da Fapcom e, segundo os próprios profissionais, diferenciam aqueles que passaram pela instituição em um mercado cada vez mais acelerado e superficial.

Passado o período universitário, os egressos da Fapcom seguem trilhando caminhos diversos na comunicação, muitos deles em posições de relevância em grandes veículos e projetos. Larissa Lopes, atua como redatora na Record, após ter seu TCC transformado em livro-reportagem premiado na Expocom, com apoio da faculdade. Luiz Carlos Junior se consolidou como narrador esportivo com passagens por TV Palmeiras, TNT Sports, Conmebol TV e Canal Olímpico do Brasil, narrando jogos da Champions League. Bianka Azevedo atua de forma autônoma com trabalhos autorais reconhecidos. Jéssica Moreira, cofundadora do coletivo Nós, mulheres da periferia e ex-TV Globo, segue focada em direitos humanos. Carina Franco, atua como assessora parlamentar na Assembleia Legislativa de São Paulo, reunindo experiência em redações, movimentos sociais e políticas públicas. São trajetórias distintas, mas atravessadas por um ponto comum: o modo como cada um, à sua maneira, ampliou os aprendizados da graduação e seguiu comunicando com propósito.

Não era filha nem parente de jornalista. Foi na prática e na escuta que me formei

**Jéssica Moreira,
jornalista**

um cenário de instabilidade para estudantes e recém-formados da área de comunicação. Ainda assim, o modelo de ensino da Fapcom, voltado à construção de repertório crítico e à produção autoral, tem se mostrado eficiente na preparação para o mercado. Muitos ex-alunos relatam que a vivência durante a graduação, especialmente nos trabalhos de conclusão de curso, foi decisiva para construir portfólios consistentes e credibilidade no mercado. “Meu TCC resultou em um livro-reportagem sobre os sete anos de greve na Fábrica de Cimento de Perus. A publicação, feita em parceria com uma colega da turma, deu suporte ao movimento de memória operária e segue sendo usada até hoje”, afirma a jornalista Larissa Lopes.

Mesmo em um setor marcado por cortes, rotatividade e exigências crescentes, os egressos da Fapcom reconhecem que saíram da faculdade com uma formação sólida, capaz de abrir caminhos e sustentar seus projetos a longo prazo. Projetos autorais desenvolvidos dentro da faculdade se tornaram não apenas pontes para o mercado, mas também marcos afetivos na trajetória de muitos estudantes. Para a jornalista Jéssica Moreira, escrever sobre sua própria realidade foi um ponto de virada. “Noticiar a periferia me fez

A comunicação é coletiva, a Fapcom me ensinou isso na prática

Bianca Moraes, analista de comunicação na Solfácil



Meu TCC me ensinou que cada vida tem uma história. E toda história merece ser contada

Bianka Azevedo, fotógrafa autônoma

Na Fapcom, a liberdade criativa foi o que mais me moldou como profissional

Larissa Lopes, redatora da TV Record



A Fapcom me ajudou a sair do modo ‘operador’ e entender o porquê das coisas

Luiz Carlos Jr, Luizão, narrador da TV Palmeiras

A faculdade não só me preparou para o mercado, ela me preparou para a vida

Carina Gomes, assessora de comunicação na Alesp



Foi na periferia que eu encontrei as histórias que abriram todas as portas da minha carreira

Jessica Moreira, produtora de conteúdo na TV Globo



Entre memórias de (não ser) concreto

AVila Mariana já teve cheiro de café coado e jornal dobrado no portão. Vinte anos atrás, o bairro ainda cochilava depois do almoço, como se fosse possível parar o tempo no meio da Pauliceia. Hoje, ele acordou elétrico. Cheio de buzinas, prédios que espicham até o céu e pressa demais para reparar nas coisas pequenas. Mas tem algo ali que ainda resiste. Que pulsa. Que canta baixinho, como uma música da Rita Lee tocando de longe.

No meio da selva de concreto, a Fapcom bate como um coração. Não é só faculdade, é bicho-papão de tédio, é laboratório de devaneios, é palco para quem ainda acredita que a palavra muda o mundo. Nela, os sonhos ganham microfone, as ideias vestem figurino e os medos, quando bem olhados, viram até poesia.

Talvez Rita - a cantora e célebre moradora do bairro - dissesse que a Fapcom é um lugar onde “o que eu queria era falar, mas ninguém queria ouvir” vira discurso de TCC com trilha sonora. Um espaço onde as esquisitices se encontram, se abraçam e viram revolução, mesmo que em silêncio, mesmo que aos pouquinhos.

E quando bate o cansaço, porque sempre bate, dá vontade de soltar um “cansei de lero-lero” no meio da sala. Sim! A cidade exige tanto da gente que, às vezes, tudo o que queremos é “mais saúde”, mais arte, mais tempo, mais verdade. A Fapcom, nesses momentos, vira abrigo. Refúgio. Aquele lugar onde, entre uma ideia e outra, a gente começa a cuidar mais de si. Porque já entendeu que ninguém vai mudar o mundo sozinho, mas que isso nunca foi desculpa para deixar de tentar.

A Vila Mariana mudou. E a gente tem participação nisso tudo. Mudamos junto. Quem entra aqui pela primeira vez, chega meio bicho grilo, meio perdido, com o coração meio aberto, meio assustado. E sai diferente. Sai com palavras a mais, com gente dentro, com saudades novas. Porque crescer dói, mas, como dizia a nossa Rita, “as águas vão rolar, não vou chorar”. E tem sido assim, semestre após semestre: gente entrando, gente saindo, um tanto de memória ficando, feito grafite que o tempo não apaga.

O bairro, que já foi todo casa térrea e muro baixo, hoje é vitrine de concreto. Mas ainda guarda resquícios de um tempo que se esconde nas entrelinhas. Em uma esquina de bar antigo, numa árvore teimosa que resiste ao asfalto, num rosto conhecido que sorri com os olhos. E, no fundo, a Fapcom é isso também: um lembrete de que, mesmo mudando, dá pra manter a essência.

É bonito ver que, entre uma aula de Teorias da Comunicação e outra de Filosofia da Tecnologia, ainda tem espaço para afeto. Para utopia. Para aqueles que nunca foram muito bons em seguir o script. Porque, se por acaso a gente morrer do coração, que seja por ter “amado demais”. E enquanto estivermos vivos, cheios de graça, talvez ainda façamos um monte de gente feliz. A Vila Mariana, apesar, contudo, todavia, mas, porém, ainda dança. E a Fapcom, no meio dela, segue batendo forte, feito coração rebelde, feito saudade boa, feito verso de Rita Lee no fim de tarde.

MIGUEL CALADO

FAPCOM EM TRANSFORMAÇÃO

Desde 2005 inovando na formação de novos profissionais

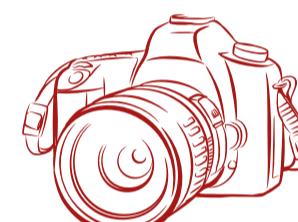
2005

Fundação FAPCOM



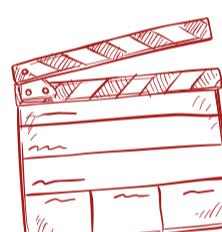
2010

Colação de grau da 1ª turma de formandos da FAPCOM



2013

Lançamento do Jornal FAPCOMUNICA



2015

Aberturas de novos cursos tecnológicos

2016

1º lugar no prêmio de Relações Públicas da Intercom



2018

Abertura da primeira pós-graduação



2021

Cursos de Jornalismo e Publicidade obtiveram nota 5 na avaliação ENADE



2025

FAPCOM celebra 20 anos de história

Quando fé e educação caminham juntas

Seja nos altares ou em salas de aula, a esperança se traduz em acolhimento

Enquanto a Vila Mariana ganha aranha céus, cafés modernos e vai e vem de estudantes, uma tradição segue resistindo e se adaptando: a permanência da Igreja Católica. Paróquias como Santo Inácio de Loyola, Santa Generosa, Santa Rita, São Judas Tadeu e outras resistem ao tempo, adaptam-se e também se reinventam em busca de fiéis. Nesse cenário de transformações urbanas e culturais, a religião continua promovendo encontros, celebrações e ações que reforçam os valores comunitários, culturais e espirituais, para moradores antigos e novos. Neste ano jubilar com o tema Peregrinos de Esperança, a Fapcom (Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação) celebra 20 anos e é sinal de modernização, diversidade cultural e construção de um futuro melhor a partir de ensinamentos do padroeiro, o Beato Tiago Alberione.

A Paróquia Santo Inácio de Loyola e São Paulo Apóstolo, confiada aos padres e irmãos paulinos em 1940, contribui para a construção do bairro enquanto espaço de convivência, espiritualidade e cultura. Os paulinos são uma congregação religiosa fundada em 1914, na Itália, por Tiago Alberione que encontrou nos meios de comunicação uma forma de falar sobre o evangelho para todas as pessoas. Dulce, de 70 anos, é uma das paroquianas de longa data. "Eu vivi um tempo gostoso aqui. Tinha grupo de jovens, encontros, a gente se reunia na casa dos amigos", relembrava. Ela destaca o desejo que tem de que as pessoas voltem a se encontrar mais no espaço religioso pois, para ela, a igreja é um equilíbrio necessário entre lado material e espiritual da vida, além de ser uma forma de conectar as famílias que vivem no bairro.

As festas juninas, celebrações e outros eventos paroquiais reúnem famílias inteiras. "Junta avô, pais, filhos, amigos. É um momento de convivência, união e cultura. Eu trabalho na barraca de cachorro-quente, e é uma alegria", comenta Selma, de 72 anos, paroquiana da Santo Inácio, ao lembrar de como as festas fortalecem laços e preservam a cultura popular religiosa, servindo como memória viva do bairro.

Já Tiago Barbosa, de 22 anos, é seminarista paulino, participante da Paróquia Santo Inácio, e coordena a Pastoral Universitária da Fapcom, que tem como uma das iniciativas o Projeto Aurora, responsável por "realizar palestras para integrar fé, cultura e pensamento crítico", conta o religioso.

Além disso, a iniciativa promove reflexões sobre temas da atualidade, sempre com a presença de jovens e convidados. Ele destaca a participação ativa da comunidade nos encontros, principalmente da população idosa do bairro. "Ver essas pessoas presentes, interagindo com os palestrantes e partilhando experiências, revela a potência inclusiva do projeto na nossa região", diz Barbosa. Ao imaginar o futuro da Vila Mariana, ele revela o desejo de mais investimentos em atividades que unam escuta, diálogo e formação integral.

Um aspecto bastante percebido pelos moradores antigos é a mudança que o bairro tem enfrentado nos últimos anos com o aumento da verticalização e da quantidade de comércios



CONEXÃO: Seminaristas paulinos da Fapcom participam de missa realizada na tradicional Paróquia Santo Inácio

FOTO: LILIAN XAVIER

que proporcionam alto fluxo de pessoas ao longo do dia, mas que, paralelamente, os vizinhos não se conhecem mais. "Ninguém é feliz sozinho. Esse monte de apartamentos minúsculos, já foi feito para a pessoa viver sozinha ou, no máximo, em duas pessoas, longe da família, longe de algo que seja mais humano, de convívio com as pessoas", comenta Dulce. A moradora acredita que as paróquias têm um papel importante no acolhimento, para que os moradores não se sintam sozinhos. Já aposentada, sem filhos, com um marido que trabalha ao longo do dia e parentes distantes, ela encontra refúgio ao participar diariamente das atividades paroquiais. "Eu chego aqui (na igreja) e tenho amigos. Sinto que não sou um ser jogado no mundo. Tenho uma família aqui", diz.

ESPIRITUALIDADE

Além da Fapcom, outra instituição presente no bairro é a Canção Nova, uma comunidade católica conhecida pela evangelização através dos meios de comunicação. Com sede em Cachoeira Paulista, interior do estado, conta com diversos profissionais que atuam na unidade da Vila Mariana, uma delas, Djanira Silva, radialista, escritora e missionária da comunidade. Para ela, a esperança necessária para o desenvolvimento do bairro deve ser comunicada. "Na Canção Nova, aprendemos a comunicar a notícia com vida e esperança. Não é apenas informar, é tocar corações." Ela reforça a importância de instituições como a Fapcom na formação de comunicadores comprometidos com a vida e com a verdade".

"Alberione via longe" é o título de um dos livros lançados pela editora Paulus, mantida pelos padres e irmãos paulinos no mesmo prédio que compartilha com a Rádio Canção Nova, localizado na Rua Dona Inácia Uchoa, Vila Mariana. A obra demonstra como Tiago Alberione fundou sua missão a

Vocês recebem um legado imenso: uma educação baseada em valores cristãos

Djanira Silva, radialista, escritora e missionária

partir da paixão pela comunicação e da compreensão da necessidade de adaptação às demandas de sua época. Hoje, os paulinos atuam ao redor do globo e também no bairro por meio da Fapcom. Padre Erivaldo Dantas é diretor da instituição e destaca sua missão como promotora da cultura e conhecimento, conectando a academia com a sociedade.

Para ele, a faculdade é um braço da esperança em um ambiente em constante mudança, formando comunicadores conscientes e éticos, comprometidos com o bem da sociedade.

A Vila Mariana pulsa entre tradição e modernidade, e a Igreja Católica segue como base espiritual e cultural nesse processo. Entre missas, festas,

encontros e comunicação, a conexão da espiritualidade com a cultura e a educação se fortalece como sinal de busca por um futuro mais humano e solidário no bairro que cresce e acolhe pessoas de todos os cantos do mundo.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: BRENDA TEIXEIRA E LILIAN XAVIER

Religiosidade é característica arquitetônica da Vila Mariana

A Vila Mariana é o bairro com maior diversidade religiosa de São Paulo, com locais como igrejas católicas, centros budistas, centros espíritas, terreiros de umbanda e santuários, segundo pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Apesar dessa pluralidade, a religião católica apostólica romana domina o cenário arquitetônico.

A presença da Editora Paulus e da Fapcom na região, administradas pelos padres e irmãos paulinos (Pia Sociedade de São Paulo), marca essa característica. Padre Cláudio Aveledo dos Santos, doutor em Filosofia e Superior Provincial da associação, explica que a força do cristianismo se deve historicamente, em parte, à perseguição que sofreu no início, principalmente no continente africano. "A morte de mártires causava estranhamento, já que só se morria pelo imperador. Isso gerava curiosidade e atraía novos fiéis", relata pe. Cláudio. A associação chegou ao Brasil ao procurar expandir as contribuições para fora da Itália, e se estabeleceu ao lado do colégio também italiano e centenário, Madre Cabrini.

Mas outras religiões não só coexistem há séculos, como em alguns casos são anteriores ao cristianismo. O budismo surgiu na Índia com Príncipe Siddharta Gautama, por volta de 400 anos antes de Cristo. No bairro, o templo budista Tzong Kwan, fundado em 1993 pelo mestre Pushien, funciona com discrição. "As visitas monitoradas acontecem só uma vez por mês para manter o valor espiritual do espaço e evitar que vire apenas ponto turístico", explica Alexandre, monitor do templo.

Já o Museu de Magia e Bruxaria, idealizado por Claudiney Prieto por anos e aberto ao público em 2021, que posteriormente convidou a sacerdotisa Cynthia Campos para que a Wicca Old Religion se tornasse a loja oficial do museu. Embora a presença desses grupos seja assumida e demonstre relações pacíficas, raramente se traduz em visibilidade urbana, na verdade, revela uma forma sutil de intolerância: não há ataques diretos, mas sofrem silenciamento, falta de reconhecimento e medo de se afirmar publicamente.

Como o Museu de Magia e Bruxaria, idealizado por Claudiney Prieto por anos e aberto ao público em 2021, que posteriormente convidou a sacerdotisa Cynthia Campos para que a Wicca Old Religion se tornasse a loja oficial do museu. Embora a presença desses grupos seja assumida e demonstre relações pacíficas, raramente se traduz em visibilidade urbana, na verdade, revela uma forma sutil de intolerância: não há ataques diretos, mas sofrem silenciamento, falta de reconhecimento e medo de se afirmar publicamente.

As religiões de matriz africana, o espiritismo e as práticas alternativas ocupam espaços mais discretos, sem placas muito aparentes ou sinais externos. O que pode sinalizar indife-

rença e exclusão. Esse distanciamento não se trata apenas de um preconceito racial e étnico enraizado, nem unicamente cristão. Segundo o antropólogo Pedro Luiz Amorim, essa rivalidade sempre existiu entre diferentes grupos, desde os primeiros encontros religiosos. Isso ocorre a partir de uma recusa em tolerar o outro, "o medo do desconhecido acaba por alimentar e intensificar o sentimento de intolerância religiosa".

O medo do desconhecido intensifica a intolerância. É preciso incentivar o diálogo

Pedro Amorim, antropólogo

Isso explica como os vínculos sociais e compartilhamento do território da Vila Mariana formam um estado vulnerável para a intolerância. Ainda que estejam fisicamente presentes, a participação desses atores no tecido social é frequentemente ignorada, restringindo a livre expressão e real pertencimento. "Essa invisibilidade não decorre de uma ausência real e pública, mas da negação simbólica de sua existência nos espaços coletivos", pondera o antropólogo. Por isso, reforça Amorim, a necessidade em incentivar o diálogo e as trocas, para viabilizar a tolerância.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: LÍVIA FANTINI E RAQUEL LANA

Projeto transforma vida de adolescentes

Oficina gratuita ajuda jovens do Ensino Médio na escolha da profissão

Ao final do ensino médio, muitos adolescentes enfrentam a difícil escolha sobre qual carreira seguir. Em meio a essas incertezas, os jovens estão encontrando respostas em uma iniciativa gratuita na Vila Mariana: o projeto Mariana em Movimento oferece aos alunos de escolas públicas uma oficina de jornalismo comunitário, realizada na Fapcom, com o objetivo de estimular a comunicação e o pensamento crítico.

Uma sondagem feita com 14 alunos do projeto revela que 57% sabem a profissão que pretendem seguir e 43% ainda estão cercados de incertezas. Segundo pesquisa do INEP (Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas), 4,3 milhões de alunos ingressaram no ensino superior em 2023, número que reforça a importância de iniciativas que ajudem na tomada de decisão desses jovens. Pensando em oferecer apoio nesse momento de indecisão, o projeto social Mariana em Movimento resolveu oferecer uma oficina que vai além da introdução ao universo jornalístico, ela incentiva a expressão por meio da escrita e amplia horizontes, independentemente da carreira escolhida pelos adolescentes.

A iniciativa de criar a oficina de jornalismo da jornalista e professora Roseli Loturco, movida pelo que ela define como senso de justiça social. "Eu queria devolver para sociedade o conhecimento que adquiri ao longo da minha jornada e transformar tudo isso em uma alavanca de transformação social", explica. Ela destaca que o projeto foi pensado para ser gratuito e atingir quem mais precisa: os estu-

dantes de escolas públicas que sonham em conseguir estudar em uma boa faculdade.

Ao lado de Roseli, está uma equipe dedicada de professores e diretores do Mariana em Movimento, que enxergam a educação e a escrita como ferramentas essenciais para a vida, ampliando a forma como se observa o mundo. Para Roseli, a escrita é um dos maiores méritos desenvolvidos na oficina. "Quando você sente, você escreve, você analisa e sintetiza o conhecimento. Eu acho que esse é um dos grandes méritos da oficina". A professora Isabela Mori compartilha da mesma visão e destaca que a escrita e a prática de leitura são importantes em todas as profissões. "Eu aprendi a escrever graças ao jornalismo, então eu vejo que a oficina ao promover a prática da leitura, escrita e entrevista, faz com que os jovens saiam das suas bolhas, se coloquem em ação", compartilha.

Fernando Magalhães, também professor do projeto, diz que os alunos costumam iniciar na oficina carregando medos e inseguranças e, ao longo do processo, passam por uma transformação muito positiva, desde a escrita até a comunicação, aprendendo a se posicionar e a interpretar melhor os textos. Além da prática, os participantes têm a chance de refletir sobre o papel social do jornalismo e o impacto da área em todas as comunidades. Todos os temas trabalhados estão diretamente ligados com a realidade enfrentada pelos próprios alunos, o que torna o processo de escolhas das pautas mais natural, deixando as matérias mais



COMUNICAÇÃO: Mariana em Movimento usa espaço da Fapcom para qualificar as pessoas

FOTO: MARIA CARVALHO

autênticas, segundo os professores.

A oficina também tem como proposta formar jovens mais atentos em relação a desinformação nas mídias sociais, um problema comum nos dias de hoje. "A oficina busca dar ferramentas que são essenciais para os jovens conseguirem se posicionar, principalmente contra esse excesso de desinformação que está havendo hoje no mundo", declara Fernando.

A ex-estudante Renata conta que, após a sua participação na oficina, começou a observar com mais atenção as notícias do mundo. "Depois que eu entrei na oficina do Mariana em Movimento, eu consegui identificar as notícias falsas, checando os dados e analisando as fontes".

A Fapcom, que fornece a estrutura para o projeto, com estúdios, salas

A desinformação é uma forma de manipular as pessoas

Fernando, 63, professor

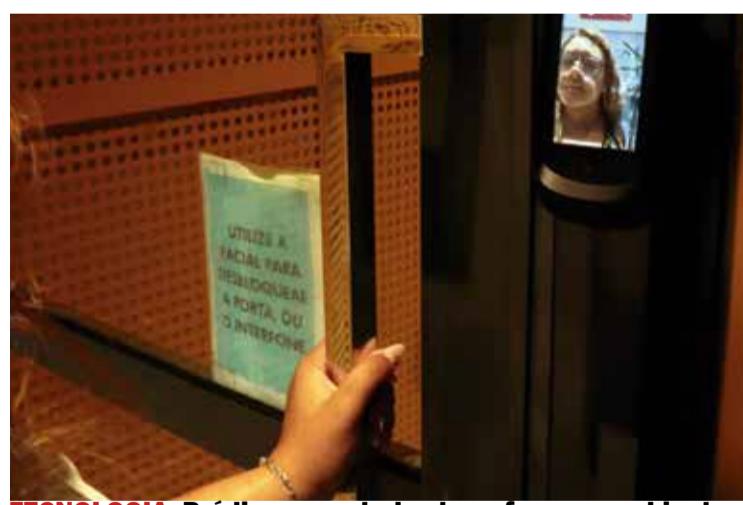
e equipamentos, tem um papel muito importante. Para Isabela Mori, o espaço que a instituição entrega aos adolescentes é excelente. "As salas de aulas, projetores, o estúdio de fotografia e todo o acesso ao espaço é muito bom", declara. A parceria permite que os jovens tenham a experiência desde o ensino médio sobre como é estar em uma faculdade, estimulan-

do os participantes a visualizarem novas possibilidades no futuro.

Para muitos alunos do projeto, a oficina é mais do que uma introdução ao jornalismo. "Mariana em Movimento é política", afirma Gil, um dos participantes da atividade. É uma ação que se iniciou em uma sala de conversa entre amigos e hoje tem o propósito de dar apoio aos que necessitam, é uma ponte que une a juventude e o universo acadêmico, permitindo que as vozes desses adolescentes sejam efetivamente ouvidas e, ao mesmo tempo, que os projetos de vida se realizem.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
DÉBORA EMANUELLE E
MARIA CARVALHO

Estudantes de ensino superior que moram na Vila buscam estilo de vida conectado e compartilhado



TECNOLOGIA: Prédios conectados transformam ambientes

Para estudantes de diferentes cantos do Brasil que escolhem o caloroso e tradicional bairro paulista Vila Mariana para os estudos, a opção por moradias compartilhadas com forte integração tecnológica oferece mais do que um teto. Essas residências se tornam pontos de encontro onde plataformas digitais facilitam a comunicação, a organização e a criação de laços entre pessoas de origens diversas, transformando a ex-

periência de adaptação e construindo um senso de comunidade acolhedor e, principalmente, conectado.

A crescente procura por moradias universitárias que oferecem mais do que um quarto – um estilo de vida conectado e integrado – demonstra uma mudança nas necessidades dos jovens. Especialistas acreditam que esse modelo pode impactar positivamente no desempenho acadêmico ao criar um ambiente de colaboração e

Estudante de Produção Audiovisual e residente de uma moradia inteligente na região, Henry Lisauskas destaca o papel dos espaços compartilhados, tais quais as cozinhas em cada andar, como pontos de encontro natural. "Você é forçado a conversar, a interagir. Acaba fazendo amigos, o que é importantíssimo quando você chega sozinho em uma cidade nova", relata.

Tal fator de integração em espaços comuns é explicado por Ewerton Camarano, CEO da Uliving, focada em formar equipes dedicadas à criação de comunidades. O empresário assegura que a ideia é investir no senso de pertencimento e desenvolvimento integral dos residentes. Mas a tecnologia nas moradias estudantis vai além da simples interação social. Essas empresas implementam sistemas de segurança avançados, como acesso individualizado por biometria ou cartão e controle de visitantes via aplicativo. Camarano conta que a segurança é fundamental e que a manutenção predial preventiva também é gerenciada digitalmente.

De acordo com o portal de notícias Times Brasil, a crescente demanda

por moradias universitárias cada vez mais jovais ligadas e integradas nas novas tecnologias, registrou em janeiro deste ano um crescimento de 250%, o que pode vir a ser um número passageiro, à medida que mais estudantes buscam moradias compatíveis com a vida acadêmica.

Meu colega de quarto virou um irmão

**Henry Lisauskas
estudante**

A praticidade da tecnologia no dia a dia também se destaca para os estudantes na hora de escolher uma moradia estudantil, como aponta o estudante de Administração Ângelo Filho. "É simples reservar espaços pelo app, lavar a roupa com um simples QR code etc. Acredito que toda essa tecnologia implementada facilite o processo de adaptação de quem vai morar sozinho no início da faculdade".

Ao enfatizar que a tecnologia é um meio para um fim de fortalecimen-

to dos laços e a criação de um ambiente de apoio mútuo, as inovações tecnológicas de empresas de residências universitárias também se manifestam de forma inovadora na hora de formar os laços mais íntimos dentro da moradia: a escolha dos colegas de quarto. "Antes de entrar, você responde um formulário com suas características e eles tentam te 'casar' com alguém compatível. No meu caso, meu colega de quarto virou um irmão. E isso é importante", conta Henry.

Ex-moradora de prédios compartilhados, Julia Delanhesi divide vivências sobre o impacto da tecnologia e da estrutura dessas moradias. Estudante de Publicidade e Propaganda, ela enfatiza o papel de residências inteligentes em acolher alunos de outros estados e países, proporcionando um ambiente onde a solidão é minimizada. "Para mim, a experiência mais marcante foi não me sentir sozinha num lugar onde você não tem seus pais. As amizades que fiz ali levei para a vida", afirma.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
CAMILA CASIMIRO E ISABELA KOCH

Vila Mariana comemora 130 anos

Moradores compartilham memórias e esperanças para o futuro do bairro

A Vila Mariana, um dos bairros mais tradicionais de São Paulo e casa da Fapcom (Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação), completa 130 anos em 2025. Apesar de manter vivos os resquícios de convivência comunitária e diversidade citadina, o espaço urbano também enfrenta transformações. De ruas calmas e residenciais a áreas comerciais e empreendimentos modernos, as mudanças nas últimas décadas têm gerado diferentes impressões entre os moradores. Se, por um lado, alguns celebram a infraestrutura desenvolvida e o dinamismo, por outro, há quem sinta falta do charme simples e acolhedor que caracterizava o local. No aniversário de 130 anos da Vila, residentes do bairro de diferentes gerações compartilham visões sobre o que mudou, o que permanece e o que ainda esperam ver no futuro desse emblemático espaço de São Paulo.

As modificações intensificadas pela verticalização e pelo crescente poder do mercado imobiliário têm gerado uma reflexão profunda sobre a identidade da região, como apontam especialistas e moradores. Cristiano Mascaro, arquiteto e fotógrafo dedicado a capturar imagens das cidades brasileiras, com foco em São Paulo, observa com preocupação a rápida expansão do bairro. "A Vila Mariana tem características de envelhecimento, com um casario mais antigo, pequenos comércios. E eu acho que esse é o grande problema, as construtoras fazem ofertas poderosas para os donos dos casarões e eles são obrigados a deixar suas casas porque vão sobrar sozinhos lá." Para Mascaro, a especulação imobiliária sem planejamento adequado é uma das grandes ameaças à preservação histórica e à qualidade de vida dos moradores da região.

A situação descrita pelo arquiteto é vivida de perto por quem permanece na Vila há gerações. Marina, moradora do bairro desde que nasceu, também nota as mudanças que vêm afetando o local. "Eu moro no Jardim Vila Mariana, que é de frente para a Vila Mariana 'clássica'. Antigamente, o lugar que eu moro era uma das maiores favelas de São Paulo, a Favela do Vergueiro. Agora, ele foi verticalizado e se tornou um bairro bem residencial", conta. A estudante de 19 anos explica que, embora compreenda as razões por trás do crescimento e da busca por imóveis, ela sente que o local está perdendo a essência. "Eu acho que [a expansão] pode acabar fazendo com que se perca essa coisa do bairro, das pessoas, da comunidade local."

Adriana, de 57 anos, sempre viveu no sobrado da família na Rua Dr. To-



TRANSFORMAÇÃO: Bairro promove encontro entre saudosas casinhas e prédios modernos

FOTO: GIOVANNA CHAVES

más Alves e desafiou as estatísticas ao resistir ao assédio imobiliário para que abrisse mão do imóvel. A simpática casa centenária, outrora rodeada por construções semelhantes, hoje fica "espremida" entre dois grandes prédios que bloqueiam a luz do sol e abrigam hóspedes que jogam todo tipo de lixo no quintal da nutricionista. Em uma entrevista cedida à reportagem em 2024, ela e a irmã, Maria Angélica, falaram sobre o impacto que os grandes empreendimentos prediais causou na vida delas e na da mãe, Therezinha, à época com 91 anos. "Eles memorizaram os horários de saída e chegada da minha mãe para abordá-la e tentar fechar o negócio. Mas, além do apego emocional, seria impossível encontrar outra casa com as mesmas condições pelo valor oferecido", explica Adriana.

Entre xícaras de café e bolachinhas, a história antiga e recente da Vila Mariana foi traçada tendo a construção como pano de fundo. As paredes da casa guardam não só memória, como memorabilia (objetos que remetem às lembranças familiares). A entrevista foi feita em uma mesa de madeira maciça, que ia quase de uma ponta a outra do cômodo, cercada de outros móveis e objetos pertencentes aos avós paternos das irmãs, primeiros donos do sobrado.

Como Marina, Adriana lamenta a perda do senso de comunidade da região e fala com afeto sobre os vínculos que se formavam. "Os portões eram baixos, ficavam abertos, as pessoas se conheciam, eram solidárias,

todo mundo sabia quem era quem. As pessoas caminhavam até a padaria, se cumprimentavam, tinham respeito. Agora ninguém sabe quem é quem".

Os efeitos dessa transformação também são visíveis nas ruas. Cristiano Mascaro alerta para a perda do patrimônio arquitetônico da região, destacando marcos históricos como o Instituto Biológico, com arquitetura sueco-alemã, e o Parque Ibirapuera, que simboliza um monumento ao legado da arquitetura moderna de Oscar Niemeyer. Ele também faz uma crítica à falta de políticas públicas que garantam que a cidade possa se desenvolver sem que sua história seja destruída. "Acho que tem uma grande falta de planejamento e falta uma política que permita que a cidade cresça sem se autodestruir".

Apesar das dificuldades, há quem veja a verticalização com um olhar mais pragmático. A presença de prédios mais altos, como também observa Mascaro, tem o efeito de concentrar a capital em um espaço menor, o que facilita o acesso a escolas, comércios e transporte público. Marina, embora perceba as adversidades do processo, comprehende a mudança. "É um bairro bom de se morar, então eu entendo porque as pessoas estão vindo", analisa, apontando para o lado positivo da urbanização, que ajuda a concentrar serviços e facilitar a vida na Vila.

Ainda assim, a questão da preservação continua sendo uma preocupação. "Eu não queria que destruíssem tantas casas bonitas que tem por aqui. A gente

com a minha tia no shopping do lado, ele comprava gibi pra mim." Entre as lembranças mais marcantes estão os carnavales infantis. "Tinha um carnaval das crianças. Eu me fantasiava, as crianças tocavam marchinhas. Eu ia sempre com a minha mãe, fui vários anos. Tenho essa memória, essa afição". Esses espaços funcionam como cápsulas de recordação, representando não só o bairro físico, mas também a dimensão emocional que muitos desejam preservar.

Os portões eram baixos, ficavam abertos, as pessoas se conheciam, eram solidárias

Adriana, 57, nutricionista

Em 130 anos de história, o passado e o presente convivem em constante tensão. Entre a tradição e a força avassaladora da modernidade, o bairro segue palco de transformações que levantam debates urgentes sobre pertencimento, identidade urbana e preservação cultural. Mais do que um endereço na metrópole, a Vila Mariana é um retrato vivo das mudanças que moldam São Paulo. Por isso, para cada morador entrevistado para esta reportagem, celebrar esse aniversário é também refletir sobre qual o futuro do bairro. Eles preferem aquele que respeita as raízes, valoriza as histórias e mantenha viva a alma comunitária que ainda pulsa em nas ruas.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: GIOVANNA CHAVES E ISABELA MENDES



POSICIONAMENTO: Janela de sobrado na Rua Carlos Petit

Como tudo começou...

O distrito foi oficialmente reconhecido em 1895, quando o então governador Bernardino de Campos promulgou a Lei 370. Antes disso, em 1782, a história da região já era traçada pelo governador Francisco da Cunha Menezes, que concedeu as terras abandonadas da Fazenda da Ressaca ao leiloeiro de escravos Lázaro Rodrigues Piques.

A origem do nome Vila Mariana é incerta. Há quem diga que está ligada à Mariana Kuhlmann, esposa do engenheiro Alberto Kuhlmann; outra versão conta que Carlos Petit, coronel da guarda nacional e vereador da capital por duas vezes, em um gesto de homenagem à esposa, Maria, e à mãe, Anna, uniu o nome das duas e batizou assim o lugar.

População flutuante aumenta na Vila

‘80% das pessoas se deslocam até o centro expandido’, afirma subprefeito

A superlotação da Vila Mariana é definida pelo subprefeito, Rafael Minatogawa, como população flutuante, isto é, não residentes que estão cotidianamente na região, cujo número já chega a um milhão de pessoas. As motivações se dividem entre estudar em uma das mais de 20 instituições de ensino da região, visitar um dos maiores parques do Brasil - o Parque Ibirapuera - começar novos comércios, trabalhar, passear entre os diversos bares e restaurantes, conhecer a Cinemateca Brasileira ou buscar saúde de qualidade nos hospitais de referência.

A infraestrutura do bairro sofre com esse aumento da população flutuante. “Se não fosse assim, eu acredito que nós não teríamos tantas equipes que se dedicam à população que vem todos os dias aqui para nossa região”, analisa Minatogawa. Em contraponto, o bairro está entre os menos populosos da zona sul de São Paulo, de acordo com o censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2022, que apresentava 127.286 moradores, enquanto em bairros como Grajaú e Sacomã, a quantidade de habitantes passa de 200 mil.

Moradores da região que conviveram com a transformação urbana apresentam desconforto na nova dinâmica de vida no bairro. “O que mudou é que fica horrível entrar e sair. A gente só está andando a pé de metrô e de ônibus, porque é muito trânsito e

muita gente”, explica Cristiane, de 67 anos, que mora na Vila há mais de 25 anos e precisou adotar novas medidas de mobilidade na rotina.

A mudança estrutural foi planejada pelo Plano Diretor de São Paulo, aprovado em 2014, que incentivou o adensamento urbano em áreas próximas a corredores de ônibus e estações de metrô, com isso, a Vila Mariana, que engloba 14 estações de metrô, passou por um processo severo de verticalização e adensamento construtivo nos últimos anos.

O comparativo dos censos de 2010 e 2022, de acordo com o IBGE, refletem a queda na quantidade de moradores, o que também é afirmado por Cristiane, que não vê saídas para o crescente aumento da população flutuante e a oferta de soluções para os residentes tradicionais da região.

O futuro do bairro, para mim, é ir para o interior

Cristiane, moradora da Vila há 20 anos

De acordo com um artigo publicado pela Prefeitura de São Paulo, a população residente da Vila Mariana mantém um alto padrão de vida, ren-

da mensal média de cerca de 176,9% a mais que a do município de São Paulo. Na área da educação, 80% dos moradores completaram o Ensino Fundamental, em comparação aos 49,9% da cidade, por isso, a taxa de analfabetismo está em 1,10%, quatro vezes menor que os 4,88% registrados no município como um todo.

NOVA POPULAÇÃO

A região também é um polo estudantil visível para quem passa pelo bairro. Só na Rua Major Maragliano e em uma travessa à frente é possível encontrar três faculdades que se somam a pelo menos outras 20 instituições de ensino, além de escolas e cursos técnicos.

Os estudantes da Vila Mariana são parte importante da população flutuante. Julia Zequim, aluna de jornalismo, mora em Santo André e estuda na FAPCOM (Faculdade Paulus de Comunicação). Ela utiliza três tipos de transportes diariamente para chegar às aulas no trajeto de quase duas horas. Mas ao longo desses anos, ela não consegue se imaginar mudando para o bairro. “Aqui é muito elitizado, um bairro muito caro, um bairro de playboy. Isso acaba sendo parte dos lados negativos, porque o custo-benefício não é dos melhores. Os restaurantes são caros, as lojas são caras e, no final, são pontos mais negativos do que positivos” conclui a estudante.

O Parque Ibirapuera é outra relevância na região, segundo levanta-



MOBILIDADE: Linha 1 - Azul é uma das mais antigas de SP

FOTO: GABRIELA GUASTELLA

mento do IPRI (Instituto de Pesquisa em Reputação e Imagem), realizado em agosto de 2024, dois a cada dez paulistanos visitam o parque pelo menos uma vez por mês. Soraya se tornou frequentadora fiel do Parque localizado na Vila Mariana há seis anos. “Quando nos mudamos do Rio, queríamos ficar perto da natureza e aqui foi o único lugar em São Paulo que encontramos”, diz a carioca.

Elá também conta que vê o lugar como uma referência nacional e que seus amigos vêm visitá-lo desejando conhecer o parque. Enxergando-o como a parte tranquila do caos de São

Paulo, Soraya define como “um lugar de escape para gente sair do caos da cidade grande e agitada”.

As visões e perfis sociais do bairro alternam entre a população residente e flutuante. A perda da estrutura original, sentida pelos antigos moradores, é uma promessa para quem apostou na localização valorizada, que cria o dinamismo da região e mantém a grande força econômica do bairro, para além do potencial futuro.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: GABRIELA GUASTELLA E MARIANA KANAYAMA

Desde 2019, moradores encaram luta judicial para garantir tombamento da Chácara das Jaboticabeiras

“As construtoras tentam vender esse estilo de vida desacelerado do bairro, conectado com a natureza, muitas árvores, canto dos pássaros, mas elas vão lá e derrubam as árvores para construir os prédios.” O relato de Carolina Hanashiro, 48, participante da AVM (Associação de Moradores da Vila Mariana), evidencia um dos motivos pelos quais os moradores da Chácara das Jaboticabeiras, na Vila Mariana, lutam pelo tombamento do local.

Formado por mais de 200 árvores, a Chácara abriga uma grande biodiversidade de fauna e flora, além de ser o ponto de nascente do córrego do Sapateiro, que percorre a cidade até desaguar no Parque Ibirapuera. O território, delimitado pelas ruas Domingos de Moraes, Joaquim Távora, Humberto I e Avenida Rodrigues Alves, é caracterizado por suas ruas de paralelepípedos, praças arborizadas e casas tradicionais, construídas desde a década de 1920. Desde 2019, os moradores brigam na justiça para conseguir o tombamento do espaço.

Em 2021, o CONPRESP (Conselho do Patrimônio da Cidade de São Paulo) concedeu a proteção ao local, mas deixaram de fora uma parte do território, denominada de Quadra 35, localizada na Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, 275, 281 e 289, no



HISTÓRIA: Região ficou conhecida devido às jabuticabas que completavam a paisagem

FOTO: ANGELA CELESTE E LAYZA MOTA

bairro da Vila Mariana. A proposta de tombamento foi apresentada ao DPH (Departamento de Patrimônio Histórico) com o intuito de preservar a vegetação local e afastar as construtoras imobiliárias que investem na compra de casas mais antigas.

Magda Beretta, 67, vive no local há 12 anos e foi uma das participantes do grupo que segue na justiça até hoje para conseguir o tombamento da Quadra 35. Ela comenta que muitos de vizinhos foram contra o movimento, pois acreditavam que, caso acatado

pelo CONPRESP, perderia o valor do imóvel em uma possível venda. No entanto, isso não aconteceu. “Teve

A maior parte dos moradores apoia esse movimento

Magda, 67, moradora do local

um ou outro morador que não apoiou porque achou que ia ser prejudicado na hora da venda, mas aparentemente não foi, porque conseguiram vender.”

Apesar de muita luta, o movimento também trouxe impactos negativos para a população, como relata Renata Nunes, moradora da região desde que nasceu. Ela destaca as dificuldades sofridas pelos moradores durante o processo de tombamento. “Todos viviam como grandes amigos, passando datas comemorativas juntos, e muitas dessas amizades foram desfeitas devido

às brigas constantes por divergências entre aqueles que eram a favor e aqueles que eram contra”, relata. “O tombamento fez com que o ser humano se mostrasse quem realmente ele é.”

A AVM também participou ativamente na luta pela preservação do território. Carolina comenta a necessidade de cuidar de um espaço onde tem a nascente de um córrego tão importante, especialmente após as mudanças climáticas enfrentadas no planeta. “A gente está perdendo água, e é uma água que vai para a cidade. Temos o efeito disso na fauna também, então os pássaros começam a sumir, insetos e polinizadores também”.

Segundo o historiador Felipe Crispim, a importância do patrimônio histórico deveria ser ensinada desde a escola. “Quando falamos de tombamento, tem a pessoa que acha que aquilo vai ser demolido. Ou aquela pessoa mais conservadora, que vai pensar que não vai poder mexer, vai cair o valor imobiliário”. O professor afirma que a legislação ambiental e de patrimônio cultural estão ligadas a uma ideia de defesa do interesse público. “Tombar um espaço é preservar o interesse público em face do interesse privado”.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: ANGELA CELESTE E LAYZA MOTA

Bairro está no olho da crise climática

Região é uma das mais afetadas pela ilha de calor; população reclama

Uma intensa ilha de calor urbano atinge a Vila Mariana e prejudica o cotidiano e a saúde dos moradores. Eles reclamam do desconforto térmico que dificulta a realização de atividades diárias como se deslocar, dormir e praticar atividades físicas. Presidente da AVM (Associação de Moradores da Vila Mariana), Eliana Barcelos relata que “as pessoas estão reclamando cada vez mais e percebendo que andar na rua entre 11h e 15h, num dia de calor, é praticamente impossível”.

Sem muitas alternativas para enfrentar o desconforto térmico, moradores alteram as rotinas e alguns gastam mais com a conta de luz. Além de apresentarem dificuldades para dormir, maus súbitos e agravamento de doenças pré-existentes. Caso da moradora Carol Gomes que é cardíaca e conta que não costuma sair de casa em dias quentes para não desmaiar. “Em dias com altas temperaturas eu não consigo sair, porque eu sei que eu vou passar mal”.

Uma outra moradora, Carol Philipps, conta que andar pela Sena Madureira se tornou difícil após a retirada das árvores que regulavam a temperatura e criavam sombras. “As pessoas que subiam a Sena para usar o comércio local começaram a evitar porque tiraram as árvores, então a gente muda nossos caminhos para conseguir suportar esse calor do dia a dia.”

Dormir bem virou um desafio, já que noites mais quentes são um dos principais efeitos da ilha, devido ao armazenamento do calor durante o dia e a emissão dele à noite. “O problema de não dormir por causa do calor é que isso se soma por vários dias e você tem que tomar medicação, amigos me relataram isso”, ressaltou Eliana ao expor as experiências dos moradores. Além disso, o projeto de construção do túnel Sena Madureira é criticado pela população por desmatar boa parte do corredor verde que resfria a região.

Ilha de calor urbano na cidade de São Paulo



INFOGRÁFICO: VITOR FALCHI E LANNA MELERO

Essa intensa influência da ilha no bairro foi constatada pela pesquisa da USP (Universidade de São Paulo) “Análise Multivariada de Ilha de Calor Urbana na Região Metropolitana de São Paulo, Brasil”, realizada pelo engenheiro ambiental Pedro Almeida

Elá (filha) se queixou uns 2, 3 dias: ‘a minha escola é muito quente’

Pedro Almeida, engenheiro ambiental

e a gestora ambiental Flávia Noronha.

De acordo com Flávia, a ilha de calor urbano é um fenômeno que aumenta a temperatura e a intensidade das chuvas nas cidades devido às alterações feitas pelas ações humanas no ambiente, como as construções, o fluxo de veículos e a retirada do verde. As construções armazenam o calor e dificultam a dissipação, já o fluxo de veículos gera mais calor e a diminuição das árvores impede que a cidade seja resfriada. Pedro Almeida destaca que a Vila “era um bairro de casas e ano após ano vem surgindo novos empreendimentos, erguendo prédios enormes” e enfatizou que “o consumo de energia elétrica vai aumentar bastante junto à circulação de veículos por conta dos moradores”, agravando o fenômeno.

MEDIDAS DE CONTROLE

Para mitigar o calor, Flávia recomenda um uso mais amplo da infraestrutura verde, como tetos e paredes com jardins, junto à uma maior regulamentação sobre a construção civil. Além disso, reforça a importância da ampliação da vegetação local e do transporte público, principalmente

do Metrô e dos ônibus elétricos.

De acordo com a gestora ambiental, medidas para controlar os efeitos da ilha são cruciais e precisam ser priorizadas. “A projeção (da ilha de calor urbano) é de aumentar a frequência das ondas de calor. E daí, se nada for feito para mitigar o efeito disso, aumenta também o número de mortes atribuíveis a esses fenômenos.”

No entanto, Elisa Rocha, conselheira do CADES (Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável), explicou que uma proposta para desenvolver um plano de ação climática na Vila Mariana foi enviada ao Orçamento Cidadão em 2024, mas o plano não foi executado. “Eles aprovaram a nossa proposta, já mandamos mensagem umas 10 vezes, mandamos e-mail, mas zero diálogo.”

A conselheira também criticou a eficiência do projeto de implantação de jardins de chuva em São Paulo. “Eles estão falando em implantar 600 jardins na cidade inteira. Só que fizemos o estudo e só na porção mais alta da bacia do córrego Uberaba precisamos de 300 para ter um efeito significativo. Imagina São Paulo inteira.”

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: LANNA MELERO E VITOR FALCHI



MAIS AFETADOS: Pets exigem atenção redobrada no calor

FOTO: PABLO PAIXÃO

Tutores de animais devem ter técnicas para dias mais quentes

As altas temperaturas registradas nos últimos anos trazem sofrimento para os animais domésticos. Na Vila Mariana, logo nas primeiras horas da manhã, já é possível ver tutores de pets recorrendo a várias táticas na tentativa de minimizar o calor de cães, muitas vezes, sem qualquer recomendação profissional, o que pode prejudicar a saúde dos cachorros. Veterinários alertam para os riscos que os bichinhos enfrentam durante as ondas de calor, como desidratação, insolação e queimaduras.

Muitos tutores desenvolvem hábitos melhores, após experiências adversas nas temporadas de calor, caso de Priscila Colucci, 54, tutora do Chopp, da raça Biewer. “Há uns quatro anos, perdi uma cachorrinha da mesma raça dele por causa do calor” relata. Hoje ela adota outros cuidados, mas ainda há dúvidas sobre o pelo do pet “os pelos dos cães agem como isolantes térmicos impedindo que o calor entre em contato direto com a pele do animal e nos dias frios ajuda a manter a temperatura corporal”, destacou o veterinário Paulo Henrique, graduado em Anestesiologia e pós-graduado em Clínica Veterinária pela Anclivepa SP.

O controle da temperatura do ambiente é essencial para raças como o Husky Siberiano, originária de regiões frias, que pode sofrer bastante com o clima tropical. Outro relato é do morador Marcelo Makota, 53, tutor da Akira, “em casa, deixamos sempre bastante água fria, para incentivar ele a beber mais. Comprei um tapete que vai ao freezer, que

fica gelado para o cachorro deitar em cima, mas não deu muito efeito. Então, acabei não comprando mais”.

A veterinária Daniela Araújo de Souza da UFF (Universidade Federal Fluminense) alerta que os pets se sentem mais confortáveis em temperaturas entre 23°C e 26°C. “Independentemente da frequência, o que precisa ser monitorado é o ambiente onde esse pet irá ficar, se há condições de manter um animal em dias muito quentes, se é um ambiente devidamente climatizado e com água fresca disponível” disse a veterinária Amanda Oliveira, graduada em Clínica Veterinária e pós-graduada em Dermatologia Veterinária.

De acordo com a ABINPET (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação), em 2023, os cães representam a maioria dos pets no Brasil, somando cerca de 60 milhões. Dentre eles, raças braquicefálicas como Pug, Bulldog e Shih-tzu exigem atenção redobrada, já que, por possuírem focinho achatado, são mais vulneráveis a problemas respiratórios, principalmente em dias muito quentes.

João Santos, 46, tutor do Xerife, da raça Bulldog Francês, conta: “passeamos pelo bairro, mas também vamos de carro principalmente na região de Moema e no Ibirapuera, quando a temperatura está mais amena. Todo dia fazemos o mesmo percurso, cerca de meia hora a quarenta minutos de caminhada”. Outra instrução para caminhadas nas temporadas quentes “Se os dias estiverem mais quentes fora do horário

recomendado, sempre faça o teste de colocar a mão ou os pés no asfalto, se não suportar ficar por muito tempo, o seu pet também não poderá ficar, pois corre o risco de queimaduras e lesões nos coxins” recomenda a veterinária Amanda Oliveira.

Os sinais mais comuns entre os pets nestes períodos, de acordo com as veterinárias Amanda e Daniela, são: respiração ofegante, salivação excessiva, língua arroxeadas conhecida como cianótica, inquietação, ou apatia. Em um caso mais grave que a temperatura do animal suba para

“Não se deve medicar o animal por conta própria”

Daniela Araújo, veterinária

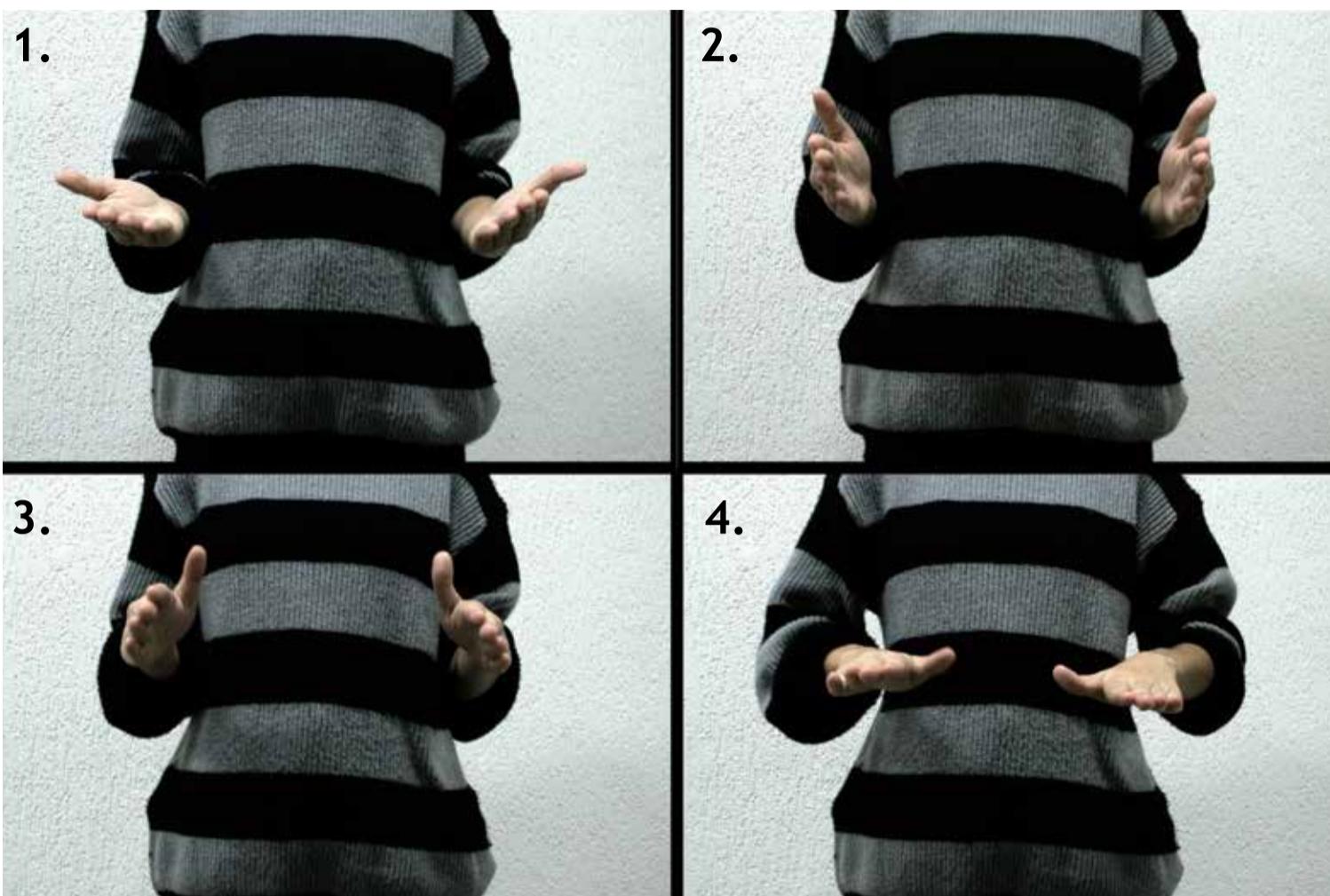
40°C, Amanda alerta que é de suma importância conduzir o animal ao hospital veterinário.

Para ajudar os cachorros nesse período, o tutor pode “colocar o animal em um ambiente fresco e ventilado, com o auxílio de uma toalha molhada com água fria, deve-se passá-la sobre a região abdominal onde há maior troca de calor”, orienta o veterinário Paulo.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: PABLO PAIXÃO E VITORIA ELLEN

'Os surdos estão sempre em prejuízo'

Professor fala sobre escassez de profissionais bilíngues no ensino superior



COMUNICAÇÃO: Movimentos para sinalizar a palavra 'inclusão' em LIBRAS, língua que poucos brasileiros reconhecem

FOTO: IGOR RIOS

Markado pelo sofrimento e pelas dificuldades nos anos 1980, Ricardo Nakasato, mestre em Língua de Sinais e professor da Derdic (Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação), explica que a caminhada em direção aos avanços que o Estado proporciona para a comunidade surda ainda é lenta, mesmo após 23 anos da Lei de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). "Parece que as coisas ainda não estão encaminhadas para beneficiar a pessoa surda." O professor, que é surdo, concede à equipe uma entrevista, que só é realizada por uma intérprete do Programa de Acessibilidade em LIBRAS da instituição, diante das dificuldades de comunicação.

A inclusão plena só ocorre quando o estudante surdo tem acesso a todas as dimensões da vida universitária

Elaine Vilela,
Doutora em educação

A implementação da Lei nº 10.436, em 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, representa um grande passo no que diz respeito aos direitos e à inclusão de pessoas com deficiência auditiva no Brasil. O Ministério Público também estabelece a obrigatoriedade da inclusão da comunicação em sinais nos currículos de formação de profissionais de Educação Especial, Fonoaudiologia e Magistério.

Apesar do avanço, a falta de acomodamento e inclusão limita o acesso de pessoas surdas aos direitos básicos, como a educação. No Brasil, das 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), apenas 7% têm ensino superior completo, 15% frequentam o ensino médio, 46% estão no ensino fundamental e 32% não possuem grau de instrução. O empecilho começa na formação dos docentes para trabalharem com alunos surdos, como comenta Elaine Vilela, doutora em Educação e professora universitária: "A formação em LIBRAS nas licenciaturas é, muitas vezes, superficial e desvinculada da prática pedagógica cotidiana. Como docente do ensino superior, percebo que o ensino da língua é tratado como conteúdo isolado, sem articulação com o compromisso político de inclusão."

Os surdos que têm acesso ao ensino superior ainda enfrentam muitos obstáculos para se manterem alinhados aos colegas ouvintes. "Os principais desafios incluem a escassez de intérpretes capacitados e disponíveis em tempo integral, a ausência de materiais didáticos adaptados, a falta de preparo pedagógico dos docentes e uma estrutura institucional que ainda trata a acessibilidade como exceção, não como direito", diz a professora.

No que diz respeito aos estudantes matriculados no ensino superior, o último estudo realizado pelo MEC (Ministério da Educação) identifica 5.978 pessoas com deficiência auditiva, 2.235 com surdez e 132 com surdocegueira. Já no que se refere aos falantes, apenas 2,4% da população, surda ou não, sabe usar LIBRAS. Apenas 4,6 milhões de pessoas têm conhecimento da língua, apesar de ser a segunda língua oficial do país.

Dentro da própria população

surda, apenas 22,4% (IBGE) falam LIBRAS, reflexo da falta de acesso à educação e aos próprios direitos. No Brasil, em cerca de 95% dos casos de pessoas surdas, os pais são ouvintes, fator predominante que contribui para o acesso tardio à língua de sinais. Em grande parte dos casos, a criança inicia sua alfabetização antes de sequer conhecer LIBRAS ou ter acesso a algum intérprete, apenas observando e se adequando à sua realidade.

Ricardo relata casos de alunos em

que não há comunicação dentro da estrutura familiar e falta acesso nos ambientes escolares: "Depende da condição econômica da família. Famílias muito humildes, por exemplo, já carecem de informação naturalmente." Além disso, também relata presenciar a falta de interesse dos familiares em aprender a comunicação em sinais: "A família não aceita a língua de sinais também, que é uma barreira que esses jovens surdos encontram." Ricardo acrescenta sobre a estrutura e acessibilidade que a DEDIC oferece, como a bolsa de 100% de aproveitamento para todos os alunos — a maioria de baixa renda — que chegam à instituição com falta de diálogo e orientação.

Na vida pessoal, Ricardo Nakasato destaca as grandes barreiras que enfrenta no dia a dia sendo professor surdo e menciona a falta de profissionais habilitados para serem intérpretes. Ele explica que, para cada área, é necessário um conhecimento aprofundado do vocabulário, para que a tradução seja o mais transparente possível e a informação chegue da maneira correta aos não ouvintes. "Nós queremos intérpretes qualificados, porque os ouvintes que contratam essas pessoas não têm nem como avaliar, porque eles também não sabem", e completa: "Parece que o surdo está sempre à margem."

Falta qualidade e aprimoramento no ensino de LIBRAS. Então, eu continuo dizendo, meu sonho é que essas leis sejam, de fato, cumpridas

**Ricardo Nakasato,
Professor de LIBRAS**

Para além dos ambientes acadêmicos, Nakasato declara a necessidade de mais profissionais nos ambientes de atendimento e prestação de serviços que saibam a Língua de Sinais, facilitando a assistência e oferecendo um atendimento sem custo adicional, como a contratação de intérpretes. O conhecimento do sistema de sinais brasileiro auxilia na comunicação e, sobretudo, mantém o sigilo das informações, como exemplifica: "Eu vou ao banco e preciso estar colado no intérprete? Eu prefiro que os atendentes saibam LIBRAS pra me atender. Eu não quero que o intérprete saiba da minha vida. Eu tenho questões [pessoais] para resolver."

Ainda neste ano, no dia 22 de abril, a comunidade surda participa de debate promovido pela Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência para defender o cumprimento da legislação do uso obrigatório da Língua Brasileira de Sinais nos concursos públicos. Joaquim Emanuel Barbosa, representante da Rede Brasileira de Inclusão (Rede IN), expressa sua indignação com a falta de acessibilidade nos locais públicos e enfatiza que, para solucionar este problema, a Língua Brasileira de Sinais deve constar na grade obrigatória do Ensino Básico.

**10,7 MILHÕES DE BRASILEIROS SÃO SURDOS
ISSO CORESPONDE A 5% DA POPULAÇÃO**



ARTE: IGOR RIOS E LORENA DE OLIVEIRA

**REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
IGOR RIOS E LORENA DE OLIVEIRA**

‘É uma riqueza, é uma mansão pra mim’

Obra ameaça remover 200 famílias da comunidade para construir túneis

Aos 27 anos, Dona Ia pisou pela primeira vez no terreno em que se formaria a favela Souza Ramos. Na época, havia poucas casas, a rua de terra marrom e a chuva torrencial dificultavam a mudança, e, com a ajuda de seu filho mais velho, carregou os móveis pesados escada acima, para o pequeno barraco que viria a chamar de casa. “Vamos embora dessa casa, mamãe, essa casa é muito feia”, foram as palavras do menino durante a primeira noite na comunidade. Isso foi há 50 anos. Com muito esforço e trabalho, Ia conseguiu piso, janelas, camas, televisão e plantas para o lar. Construiu uma fundação firme, cômodos aconchegantes e uma varanda agradável. O quarto principal é decorado com as imagens de seus filhos e de sua fé. Entretanto, apesar das paredes repletas de história, na porta da sala há um adesivo do governo colado. Um número que identifica a residência para remoção.

À primeira vista, a comunidade Souza Ramos pode parecer uma nota de rodapé na Zona Sul de São Paulo. Cercada por altos prédios de luxo, construída ao centro de duas ladeiras, a favela de portão verde, chão de asfalto, escadarias e casas de dois ou três andares – lar de cerca de 200 famílias – não aparece no mapa da especulação imobiliária da região. Ou melhor, não aparecia. Agora, é peça central em um projeto de mobilidade urbana que pretende abrir dois túneis sob a Vila Mariana, para melhorar a fluidez do tráfego entre as avenidas Domingos de Morais e a Ricardo Jafet e, como consequência, remover a comunidade e seus moradores do mapa.

“Quando você tem uma comunidade antiga como a nossa, 75 anos, você não tem as pessoas chegando ali. 60% dos moradores da Souza Ramos são filhos ou netos de quem já morava ali. 60% dos moradores nasceram aqui! Então você não tem um local pra ir se você for removido.” É o que explica Eduardo Canejo, 60 anos, o líder comunitário, morador da comunidade há 16 anos.

A ameaça da construção dos túneis na região não é recente, apenas ganhou um novo capítulo em 2024.

Eduardo lembra que a história remonta ao ano de 2010, quando a prefeitura lançou a primeira licitação em relação ao projeto. “Naquela época, a gente já morava aqui e tentou entender o que era aquilo. A Prefeitura não falava muito com a gente, então fomos atrás sozinhos”, conta. Foi então que ele e outros moradores buscaram entender as implicações do projeto. Estudaram as leis, analisaram contratos e concluíram que existiam entraves legais para a execução da construção. Em 2011, foi firmado o primeiro contrato, mas uma série de idas e vindas burocráticas atrasou o início da obra.

60% dos moradores nasceram aqui! Então, você não tem um local para ir se você for removido

Eduardo Canejo, 60, líder comunitário

A mudança de gestão em 2012 não cancelou a construção, mas pôs em evidência o projeto inúmeras vezes, com suspensões de 120 dias, renovadas ao fim de cada ciclo. Isso se estendeu até 2019, quando a gestão de Bruno Covas retomou a discussão sobre os túneis. Em 2020, com a pandemia, as obras foram suspensas novamente – dessa vez, indefinidamente.

Mas foi no final de setembro de 2024 que o pesadelo tomou forma e a comunidade Souza Ramos acordou com a movimentação da Prefeitura. “Colocaram placas, veio trator, veio caminhão. Ficou todo mundo desesperado, muita gente não dormia com medo”, são as palavras de Marcia de Lima, que mora na região há 32 anos.

Branca, como é conhecida pelos moradores da comunidade, participa desde o início das atividades do coletivo Salve a Sena Madureira.



HISTÓRIA: Dona Ia abriu as portas da casa onde vive há 50 anos e criou filhos e raízes

FOTO: CAMILA GAMA

O movimento surgiu de forma orgânica, como recorda Canejo, após uma reunião convocada pelo Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CADES), na Subprefeitura da Vila Mariana, em um auditório destinado a 49 pessoas. Em 08 de outubro, 300 pessoas lotaram o espaço e o subprefeito declarou que a sessão seria adiada para a quinta-feira seguinte e seria realizada na Biblioteca Viriato Corrêa. Dali, os participantes da assembleia saíram em caminhada em direção à localização da próxima reunião. No curto trajeto entre a subprefeitura e a biblioteca, os lemas “Não ao túnel”, “Não é brincadeira, parem a obra da Sena Madureira” e outros adotados pelo grupo surgiram espontaneamente, contatos foram trocados e a organização se deu rapidamente.

O fôlego inicial da mobilização teve como principal objetivo evitar a ameaça ambiental da obra, que colocava em risco cerca de 200 árvores e uma nascente. Foi também esse o ângulo abordado pelas reportagens da época, que destacavam o lado ambientalista do movimento. Contudo, entre as árvores, pássaros e ao lado da nascente, 200 famílias correm o risco de perder suas casas. “Se você trata do ambiental sem tratar das famílias, você trata de jardinagem. O ambiental sem gente, o que que é? Não é ambiente, é paisagismo, é jardinagem”, declara Eduardo, que demonstra preocupação pelo destino reservado aos moradores da Souza Ramos.

tal sem gente, o que que é? Não é ambiente, é paisagismo, é jardinagem”, declara Eduardo, que demonstra preocupação pelo destino reservado aos moradores da Souza Ramos.

Essa é uma obra higienista. Ele (Nunes) quer tirar a população pobre daqui. Para ele, sujamos o bairro

Tatiana Vidal, 48, moradora

Por ora, a obra está novamente embargada, dessa vez por determinação do Ministério Público, que exige um novo estudo de impacto ambiental e um novo projeto para a construção dos túneis. Ainda assim, o receio é o sentimento predominante entre os moradores, que compartilham suas experiências em uma roda de conversas que foi criada para discutir as “angústias causadas pela obra” – como diz a placa escrita à mão em um dos portões de garagem

da comunidade.

Ao serem questionados sobre o que enxergam para o futuro da comunidade, esperança e insegurança caminham de mãos dadas. Tatiana Vidal mora na Souza Ramos há 6 anos, e se orgulha de ter escolhido o lugar como lar. Na época da mudança, vendeu um apartamento na Zona Oeste e se mudou para a região com o marido, onde construiu uma aconchegante casa de dois andares, e, hoje, tece elogios para a vida na comunidade.

“Aqui a vida é muito boa, é muito boa mesmo. Você tem vizinhos que você pode contar, quando eu vim conhecer, falei, é aqui que eu quero plantar a minha raiz, é aqui que eu vou morar e aqui que eu vou continuar.” Perguntada sobre a construção do túnel, responsabiliza o prefeito Ricardo Nunes e não se intimida em declarar: “É uma obra higienista. Ele só quer tirar a população pobre daqui, porque eu acho que, para ele, nós sujamos o bairro.”

Em nota, a Secretaria de Mobilidade e Trânsito da capital afirma que a obra “respeita todas as exigências relativas a questões ambientais”. Já o Ministério Público argumentou que em relação às famílias da comunidade, não se sabe ao certo se serão realocadas ou para onde irão.

Inseguros, moradores ficam sem resposta sobre o futuro

Apesar das ações da prefeitura para seguir com as obras, há pouco esforço das autoridades para oferecer respostas concretas a respeito do destino dos moradores da comunidade. Até o momento, nenhuma proposta definitiva foi apresentada, embora algumas alternativas tenham sido discutidas. A princípio, foi cogitado o pagamento de uma indenização proporcional entre 30 a 60 mil reais. Depois, a oferta de uma carta de crédito no valor de R\$250 mil, que deveria ser usada de

forma integral. Por fim, há a discussão de um auxílio de 600 reais por seis meses, para apoiar no aluguel de uma nova moradia. Porém, os moradores apontam que o valor é insuficiente para garantir o mínimo de dignidade.

Ao ouvir novamente sobre construção dos túneis, Dona Ia se emociona e se desespera, narrando a angústia da perspectiva de perder a casa construída com tanto esforço. “Essa casa para mim é uma riqueza, é uma mansão para mim, sabe? Eu amo de

paixão esse lugar, juro por Deus. Sair daqui para mim vai ser a morte, sabe?”.

Até o momento desta publicação, a Prefeitura de São Paulo e a Subprefeitura da Vila Mariana não responderam os questionamentos desta edição a respeito dos planos de realocação ou indenização para os moradores da comunidade Souza Ramos.



UNIÃO: Eduardo exibe com orgulho o lema do movimento

FOTO: CAMILA GAMA

Julgamento é vivo e a história é invisível

Seu Manoel tem vida marcada por estigmas de frequentadores da Vila

Na esquina da rua Domingos de Moraes, sempre com um copo de café, oferecido pelos alunos, trabalhadores e moradores da região. Com roupas simples, um sorriso frágil, o rosto envelhecido, alguns cabelos brancos. Sempre sentado em seu caixote, observando o vai e vem na rua. Com olhos atentos, mas encolhido em seu cantinho, apenas fazendo parte de um cenário que para muitos é invisível, devido a rotina corrida e a automatização da vida do paulistano. Nesse local permanece Seu Manoel, o senhor conhecido na região como "bom dia".

Manoel Messias Corta fica parte do dia sentado na calçada. Isso foi o suficiente para que a sociedade o enxergasse como morador em situação de rua. Ele não faz parte das mais de 90 mil pessoas sem um teto na cidade de São Paulo, divulgado pela imprensa (Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua), mas é um dos 1,7 milhão de baianos que residem no Estado de São Paulo e passam pelos mesmos desafios. Assim como também está entre os 31,6% de paulistas que sobrevivem com até dois salários mínimos por mês, como indica o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). São tantas estatísticas que tornam essas pessoas invisíveis a olho nu, mas a sociedade atribuiu ao Seu Manoel a única que ele não representa.

Esse cenário, de acordo com a jornalista especialista em Direitos Humanos Bruna Ramos da Fonte, reflete um comportamento que foi construído há anos no Brasil. "Revela uma condição que permeia a nossa sociedade como um todo: o Brasil é um país extremamente racista e preconceituoso, no qual as relações sociais se baseiam nas aparências, nos estereótipos e na falta de empatia". Para a professora e autora, é preciso um papel efetivo da mídia para disseminar quem são essas pessoas. "Precisamos produzir conteúdos que eduquem e conscientizem a população adulta sobre o tema, convidando à reflexão e à desconstrução dos preconceitos vigentes. Nesse processo, a mídia tem um papel fundamental", pontua a jornalista.

AFINAL, QUEM É MANOEL?

Nascido em Planalto, Bahia, mudou para São Paulo com apenas 16 anos, em um cruzeiro, ao lado do primo, com a esperança de encontrar melhores condições financeiras. Agora, com 70 anos, Manoel busca o sustento, relatando ter trabalhado em 20 empresas, realizando serviços diferentes. Atualmente, mora na Barra Funda, em uma casa. "Eu moro na favela, não pago água, não pago aluguel, vem tudo da rua", relata, com humor cativante e nitidamente com orgulho nas palavras, assim como quando mostrou o recibo da aposentadoria, afirmando

não gostar de mentir ou omitir nada. Os documentos indicam que ele está empregado e recebe salário. Trabalha como segurança do cabeleireiro na mesma rua que costuma ficar, o que justifica o olhar atento e o tempo de permanência ali. Faça chuva ou faça sol, a presença marca as motivações e como ele enfrenta a correria paulista e a exposição da violência das ruas.

Seu Manoel muda a pauta sobre invisibilidade de moradores de rua para os estigmas que a sociedade constrói sem sequer perceber. Apesar

de enfrentar a luta diária de viver com um salário mínimo e os riscos da função que exerce, ele sorri. Demonstra alegria e espiritualidade para todos, sem exceção, que queiram olhar para ele. Encontra na oração uma forma de agradecer toda ajuda que recebe, como um simples café pela manhã. "Faço a minha oração para todo mundo aqui. Graças a Deus, eu quero ver todo mundo alegre, no nome de Jesus."

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
ANA BRUNATTI E LUIS SERAFIM



DIGNIDADE: 'Sou trabalhador'
FOTO: ANA BRUNATTI E LUIS SERAFIM

Quase 80% interagem com o trabalhador

Em uma sondagem realizada com os alunos da FAPCOM (Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação), 116 alunos que realizam o percurso entre a faculdade e a estação do metrô Ana Rosa afirmaram que conhecem Seu Manoel. Mais de 78% relataram ter tido interação com ele ou conhecê-lo. Quando questionados sobre qual seria a razão de estar ali, frases como "acredito que ele gosta de cumprimentar o povo em troca de comida" ou "acredito que seja um senhor em situação de rua". Entretanto, a espontaneidade da vida de Seu Manoel se torna a principal característica para aqueles que se permitem ter um olhar atento. Ainda na sondagem, frases como:

"Minhas interações com ele são apenas dando bom dia e boa tarde quando estou indo e voltando da faculdade, mas ele é sempre extremamente carismático. Sempre me sinto abençoada com os bons dias que ele distribui". Frases que demonstram que um simples cumprimento pela manhã muda a visão atribuída a ele. O medo do diferente é quebrado aos poucos. E citações como "Talvez eu já tenha dito um 'Olá', não tenho certeza. Porém, em algum momento, espero que eu consiga interagir com ele, pois percebo nele alguém muito gentil e bondoso". Outros ressaltam que "um nobre sorriso fala por si".

*SONDAGEM SEM FIM CIENTÍFICO

Inseguras, mulheres se calam diante do assédio; subnotificação de casos na região reforça violência

Em São Paulo, 76% das mulheres já sofreram algum tipo de violência durante o deslocamento. Dessa porcentagem apenas 59% foi à polícia e realizou uma denúncia, segundo dados divulgados pelo Instituto Patrícia Galvão. Essa subnotificação também ocorre na Vila Mariana, uma sondagem feita com estudantes mulheres da região sinaliza o medo de denunciar, o que pode ser reflexo do machismo estrutural, avalia a psicóloga Evelyn Sayeg.

Para a especialista, que trabalha com atendimentos clínicos e atua como coordenadora do Projeto Tear em Guarulhos, a insegurança que as mulheres sentem durante o deslocamento na cidade está presente devido a desigualdade de gênero desencadeada pelo patriarcado, causando uma sensação de impunidade baseada nas situações sociais em que as mulheres estão inseridas, no cenário de violência, perda de direitos, dificuldade a igualdade e a certeza de que uma hora, será a próxima a ser vítima de algum dos abusos da sociedade.

A pesquisa feita pelo Instituto Patrícia Galvão demonstrou que na capital paulista, 69% das mulheres dizem ter medo de ser vítimas de estupro, número acima da média nacional de 66%, e 59% dizem ter medo de sofrer importunação ou assédio sexual. Enquanto



MEDO: Machismo estrutural reduz denúncias, diz especialista
FOTO: LUMA OLIVEIRA, BEATRIZ LIMA E EVELYN CARVALHO

26% das brasileiras consideram as ruas de suas cidades pouco seguras, em São Paulo, esse número sobe para 48%.

QUEM PROTEGE AS MULHERES?

A sensação de insegurança está ligada às falhas e ausências de intervenções do estado que poderiam fornecer um

deslocamento seguro para elas. Na Vila Mariana, estudantes de faculdades da região têm reclamado de frequentes casos de assédio — alguns envolvendo um homem em situação de rua com sinais de transtornos mentais. Diante da falta de ações efetivas do poder público, a situação escancara não

apenas a vulnerabilidade das mulheres no espaço urbano, mas também a negligência com moradores de rua que possuem distúrbios mentais. Para a estudante Camila Martins de Oliveira*, 20 anos, a sensação de insegurança no bairro é grande.

E não somente nessa região, como em qualquer outro local, porque infelizmente eu acredito que seja a realidade da mulher brasileira

Camila*, 20, estudante

A psicóloga explica que, "os homens sentem o direito de continuar, perpetuar essa violência de gênero, justamente porque eles sabem que pouco vai acontecer". Essa sensação de insegurança constante não surge

apenas do medo de sofrer uma violência, mas também da percepção de que, mesmo quando ela ocorre, o sistema de justiça tende a falhar, alimentando um ciclo no qual os agressores se sentem protegidos e legitimados a continuar, sem qualquer punição.

O mesmo estudo feito pela ONG revelou que sete em cada dez mulheres consideram que iniciativas voltadas para transporte público e infraestrutura, como a melhoria na iluminação pública, revitalização de espaços abandonados (praças, prédios, terrenos baldios etc.), podem contribuir significativamente para aumentar a segurança nos deslocamentos urbanos. "A gente sempre pensa muito no que vai fazer se algo acontecer, mas na hora é muito difícil", pontua a estudante Suzana dos Santos*, 19 anos.

*OS NOMES DAS MULHERES ENTREVISTADAS PARA ESTA REPORTAGEM SÃO FICTÍCIOS, EM RESPEITO AO PEDIDO DAS PERSONAGENS.

LIGUE 180

**Não tenha medo.
Não se cale.
Denuncie.**

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
BEATRIZ DE ALMEIDA E EVELYN CARVALHO

Saúde trans sob um olhar de esperança

Centro de Referência é destaque em saúde pública na região de São Paulo

“Se não fosse esse ambulatório eu já estaria morta.” Essa frase foi dita por Camila (pseudônimo), mulher transexual de 37 anos, que viaja pelo menos todo mês de Jaú, cidade natal, localizada no interior de São Paulo- para a Vila Mariana, atrás do CRT (Centro de Referência e Treinamento) IST/AIDS-SP. A paciente está passando por um tratamento de HIV e encontrou o ambulatório -um centro de acolhimento à saúde trans- tendo em vista que vive numa cidade “preconceituosa, que persegue e discrimina”. Ela enfrenta um cenário de transfobia rotineira, sofre com o abandono familiar e é perseguida por parte dos habitantes da cidade.

A realidade de Camila é vivida por mulheres em todo o país, que sofrem com a negligência do poder público diante da saúde trans. Hoje, a Vila Mariana recebe um grande fluxo dessa população de diversos lugares em busca de acesso à saúde pública no CRT. Pioneiro no Brasil, o ambulatório oferece tratamento de hormonioterapia desde sua criação em 2009. O local atende homens e mulheres trans, com uma estimativa de 1800 pessoas em acompanhamento, dessas, 60% são mulheres trans.

A escassez de dados sobre essa população no Brasil ainda é uma realidade. A médica Maria Felipe Medeiros, infectologista, transexual e não binária, formada pela USP (Universidade de São Paulo) em 2022, trabalha no CRT há quase três anos na área de pesquisa com foco em mulheres trans e travestis que vivem com HIV ou estão utilizando PrEP (Profilaxia Pré-Exposição). Ela argumenta sobre não ter epidemiologia para essas pessoas: “O IBGE se nega a colocar identidade de gênero dentro do censo. Eu não sei quanto tempo, essa população vive, do que ela morre, quais são as coisas que diminuem a expectativa de vida, mas com toda certeza saúde é uma delas.” Os dados encontrados nas mídias, são geralmente realizados por pesquisas.

Segundo o “Mapeamento de Pessoas Trans na Cidade de São Paulo”, dos 1788 participantes, 45% sentiram a carência de acompanhamento de saúde, travestis correspondem a 40% e mulheres trans, 39%. Antes da criação do ambulatório, o estado de São Paulo carecia de atendimentos especializados, havia somente o Hospital das Clínicas que, apesar de ter a entrada dessas pessoas, era restrito para a elegibilidade cirúrgica, caso contrário, o paciente estava fora do programa. “São

Paulo não tinha nada, absolutamente nada. Então, nós fomos responsáveis pela abertura desse ambulatório e pela capacitação do município para chegar na solução que chegou hoje, com 45 unidades especializadas para pessoas trans e travestis”, revela o Diretor Técnico de Saúde do ambulatório, Ricardo Barbosa Martins.

O local também já enfrentou diversas dificuldades durante os primeiros anos para se manter, “a gente percebeu que não tinha condições de um único ambulatório dar conta da cidade de São Paulo [...] na grande SP são 20 milhões de pessoas, interior e gente do resto do Brasil que iria vir pra cá”, ressalta Barbosa. A instalação tardia de um centro de atendimento público e especializado em pessoas trans e travestis, revela uma negligência do Estado no cuidado da saúde e da inclusão adequada dessa comunidade em São Paulo.



SUPORTE: Maria Felipe atua como médica infectologista

FOTO: EVELYN SANTANA

Bianca, 35 anos, - que prefere não utilizar o sobrenome - é uma mulher trans que frequenta o ambulatório há mais de 10 anos e é um exemplo de como a saúde pública especializada pode transformar cenários.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Censo Trans (1158 pessoas, 41,4% mulheres trans e 7,9% mulheres travestis), mais de 90% da população travesti e trans já utilizaram hormônios de forma avulsa, apenas 4,6% tiveram acesso ao um processo transexualizador em centros especializados e 84,7% não tem acesso a esses serviços. Por conta da falta de informação e o medo da discriminação em serviços de saúde, no ano de 2012, Bianca começou a tomar hormônios por conta e encontrou-se numa situação crítica, assim, recorreu ao CRT: “Na época estava começando a desenvolver a mama, aí meu peito impediu que ficou bem duro e comecei a lactar. Meu caso já estava ficando urgente.”



PIONEIRO: CRT atende casos relacionados a IST/AIDS

FOTO: EVELYN SANTANA



REPRESENTATIVIDADE: Alícia e Patrícia valorizam tratamento instruído do Centro de Referência

FOTO: EVELYN SANTANA

TRANSFOBIA NA SAÚDE

Segundo o Censo Trans, 74,1% dos participantes trans e travestis relataram discriminação em algum tipo de serviço de saúde. A médica Maria Felipe Medeiros, analisa o cenário do SUS (Sistema Único de Saúde) quando se trata de saúde trans; os atendimentos possuem obstáculos desde o acesso - como a não utilização do nome social- até a permanência - ambulatório distante e dificuldades financeiras para pegar condução. “Quando a gente fala de SUS para a população trans, travesti e não binária, a gente fala de uma parte muito ineficaz no que se propõe. Se propõe a muito pouco e ainda não consegue dar acesso a todas que precisam.”

Patrícia Brandão, 25 anos, morava em Alagoas e teve o seu primeiro contato com o CRT em 2022, ela revela a experiência em serviços anteriores. “Já tive contato com endocrinologista pela rede SUS, mas não era a mesma coisa daqui. Tratamento horrível, não tem cuidado com você, não me senti bem acolhida.” Alícia Carvalho, 30 anos, frequenta o ambulatório há cinco anos e também relatou situações de transfobia quando foi buscar atendimento médico em um caso de gripe.

O atendimento não utilizava o seu nome social e não priorizava sua necessidade. “Isso é doloroso, porque eu estou doente, não quero que você me questione, eu não quero que você me chame por um nome que me incomode”, desabafa. A pesquisa “O uso do nome escolhido está ligado à redução dos sintomas depressivos, ideação suicida entre jovens transexuais” publicada pelo Journal of Adolescent Health, indica que de 129 participantes que podem utilizar o nome social em ambientes, até 71% apresentam menos sintomas de depressão, 34% pensam menos em suicídio e o risco de tirar a própria vida reduz em 65%.

Bianca, apesar de não sofrer discriminação pelo Sistema Único de Saúde, relata sofrer impedimento em serviços privados. Ao tentar realizar um exame, ela teve o atendimento negado por ter o seu gênero alterado judicialmente. Mesmo após explicações, ainda foi tratada no pronome masculino. A situação foi ajuizada e resultou o pro-

cesso como um mero aborrecimento, desconsiderando o dano real sofrido por ela.

O serviço aqui é digno, humanizado e tem profissionais capacitados

Bianca, 35 paciente do CRT

Diante das experiências relatadas fora do CRT, é visível a necessidade de serviços especializados dentro de um cenário em que muitos centros de atendimento não possuem profissionais instruídos para tratar esse público. “É importante um serviço especializado, por mais que a gente acredite num SUS plural e universal, não existe equidade quando a gente fala de saúde trans, travesti e não binária”, ressalta

Maria Felipe.

Além de atendimentos qualificados, o CRT destaca-se por contratar profissionais de saúde trans e travestis, para que essas pessoas estejam em cargos de protagonismo dentro do ambulatório. “É uma assertividade deles entender que a pessoa trans que estiver dentro do espaço conosco vai ter um maior cuidado, um maior entendimento sobre as nossas dores”, Alícia comenta.

A médica afirma a importância da educação para a transformação de uma saúde mais acolhedora; a formação de profissionais que conheçam sobre gênero e sexualidade, proporciona um atendimento sem estigmas e aproxima cada vez mais a comunidade do sistema de saúde. “A educação vai salvar a gente dessa situação. O que poderia ser feito é corrigir erros que poderiam ser reparados lá atrás; falar disso nas universidades é um momento para falarmos por anos transversalmente. Ter pessoas trans dentro do sistema do sistema de saúde muda a realidade.”

Além de hormônios: CRT traz dignidade

A portaria 1.707/2008 instituiu o “Processo Transexualizador” no SUS, que garante o acesso à terapia hormonal e cirurgia de redesignação sexual, além de estabelecer critérios e diretrizes para o atendimento integral à saúde de pessoas transexuais e travestis. Apesar de ser um avanço nas políticas de saúde da comunidade, os cuidados básicos ainda são negligenciados.

“Quando a gente fala de processo transexualizador, apesar da lei de 2008 vigente, a gente está em 2025 com um processo baseado em processos cirúrgicos e hormonização. E hoje, a saúde de pessoas trans e travestis vai muito além disso, vai muito além de dar hormônio, de fazer cirurgia”, expressa a médica Maria Felipe Medeiros. “A saúde envolve educação, alimentação, habitação, envolve uma qualidade de vida completa. Esses déficits de saúde acabam levando

a morte precoce da população trans”.

A população trans e travesti carece de um sistema de saúde que além de proporcionar avaliações específicas, saiba conduzir atendimentos básicos. O CRT procura abranger os serviços e oferece uma bolsa-auxílio para o cuidado da higiene pessoal. Atendimentos como esses são referências na unidade da Vila Mariana, quando se compara com as demais regiões de São Paulo, e quebram estigmas que resumem a saúde trans a hormônios e cirurgias. “Eu acho importante a gente ter a possibilidade de vir e fazer todos os cuidados dentro do CRT, porque não é só sobre uma prevenção, sobre ISTs, mas sim sobre você cuidar de si, sobre tratar o lado emocional e o físico”, declara Alícia.

Idosos buscam práticas para viver bem

Moradores cultivam qualidade de vida para um envelhecimento saudável

Com o aumento da inserção do assunto saúde no cotidiano dos idosos, a Vila Mariana tem se tornando um dos principais centros de inclusão a esse público na cidade de São Paulo. Na última pesquisa divulgada pela Fundação SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados) em 2019, 25,1% dos moradores do distrito têm mais de 60 anos de idade, um número expressivo se comparado com a média municipal de 15,2%. Esse cenário é favorecido pelas diversas casas de repouso, centros esportivos e espaços para atividades de aprimoramento cognitivo presentes na região, desenvolvendo a autonomia e, consequentemente, aproximando-os de um envelhecimento mais saudável.

Aos 62 anos, Sydia Magnolia, moradora da região, relata que essa realidade faz parte da sua vida há 9 meses. Antes, no estado de Pernambuco, trabalhou 43 anos como bibliotecária, mas triste pelo cansaço, se aposentou e nesse último ano chegou a São Paulo com o intuito de cuidar mais de si. "Foi a decisão mais certa que eu tomei." Com a vida bem ativa, ela pratica yoga, hidroginástica, tai chi chuan e meditação diariamente.

Para a psiquiatra Maria Augusta, a depressão geriátrica é uma doença bem impactada pelo contexto socioeconômico. Tendo em vista a infraestrutura fornecida pelo bairro da zona sul paulista, Sydia comenta, que nota uma facilidade no acesso mesmo para quem possui poucos recursos financeiros, diferente da situação experienciada por ela em Recife, onde era preciso pertencer a uma classe social elevada para praticar atividades físicas com regularidade, pois os valores



SAÚDE: Região oferece prática de vôlei adaptado e transforma dia a dia da população idosa

FOTO: YASMIN LARA

de aulas e academias excediam a renda dos locais da região.

Agora, além de realizar atividades fornecidas pela prefeitura em seu condomínio, foi preciso se adaptar a caminhadas, essas quais resultaram em uma grande resistência física por parte dela. Ressalta também que, por meio do esporte, conseguiu novas amigas que a inspiram a ser mais autônoma, e desenvolvem principalmente a sua autoconfiança.

Com afinidade em temas gerontológicos, Maria Augusta explica a existência de atrofias, diminuições em regiões específicas, no cérebro humano. "Ele fica mais suscetível, em termos de neurotransmissores, a ter um adoeci-

mento depressivo, porque as monoaminas, principalmente, a serotonina, noradrenalina, dopamina, todas elas estão reduzidas."

Débora Ventrice, jogadora de vôlei adaptado para a terceira idade, percebe nitidamente como o exercício traz um benefício tanto para a parte física quanto para as partes mentais e emocionais, atualmente com 64 anos, ela considera que recebeu a oportunidade de reviver a partir dos 40 anos de idade. Apesar de ter sido ativa por grande parte da sua vida, foi nessa faixa etária, já com os filhos mais independentes, que por sua vez, buscaram também a própria independência. Sendo uma das mais jovens de sua turma, ela já

começou a identificar episódios de esquecimento com mais frequência, mas se tranquiliza com a esperança de que os exercícios vão ajudar nesse período de transição geracional.

Determinados a transformarem essa nova etapa da vida, assim como a Débora, diversos idosos agradecem pela localização na qual vivem. Seja fazendo vôlei adaptado no SESC Vila Mariana, caminhando pelo Parque Ibirapuera, praticando meditação em bibliotecas ou até mesmo fazendo yoga em seus condomínios, eles representam, de forma concreta, a importância da socialização em uma etapa frequentemente marcada pelo esquecimento social.

"Aqui, minhas amigas são tudo pra mim", diz Neuma Garcia, aos 93 anos, em um momento de grande emoção, diariamente se torna uma inspiração para seus colegas. Acolhimento e inserção social que, muitas vezes são evitadas por parte dos familiares em um objetivo de super proteger o idoso, transformando eles em um ser humano a parte da realidade vivendo um envelhecimento não saudável.

Minha geriatra fala 'a senhora vai viver mais 20 anos'

Neuma Garcia, 93, aposentada

É necessário o autocuidado durante o envelhecimento, tendo em vista que nessa fase o aumento de depressão, estresse, adoecimento e o isolamento social é crescente, podendo causar diversos impactos, como o alcoolismo e a má alimentação.

Válido ressaltar a importância de sempre ter um acompanhamento com um médico geriátrico e exames de rotina, assim, o profissional conseguirá avaliar e direcionar o melhor quadro para o paciente realizar as atividades físicas, além de orientar para uma boa alimentação conforme a necessidade, podendo garantir uma melhoria completa na qualidade de vida.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: ISABELLE STRUMILLO E YASMIN LARA

Vila Mariana atrai pacientes de fora da região que buscam atendimento gratuito de qualidade

Apesar de concentrar alguns dos melhores hospitais da capital paulista, a Vila Mariana atende, na rede pública de saúde, majoritariamente pacientes que não vivem no bairro. Enquanto a grande maioria dos moradores locais recorre a planos privados, trabalhadores, idosos e estudantes que não possuem as mesmas condições, atravessam quilômetros em busca de um atendimento que, embora sobrecarregado, ainda é visto como mais funcional e estrutural.

Essa alta demanda provoca filas nas unidades de saúde da região, que seguem crescendo. Na UPA Vila Mariana, a espera pode ultrapassar três horas em horários de pico, mesmo para casos urgentes. No Hospital Dante Pazzanese, referência em cardiologia, exames e atendimentos rotineiros exigem agendamento com meses de antecedência. Apesar disso, muitas pessoas continuam a usar os serviços por conta da falta de atendimento especializado nas cidades de origem. É o caso de Nilza Amélia, 78 anos, mora-

adora de Cotia, que viaja anualmente ao Dante Pazzanese para exames cardíacos essenciais.

É longe, mas é onde sei que apesar da alta demanda, vou ser bem atendida

Nilza Amélia, 78, aposentada

Essa disparidade estrutural se reflete em deslocamentos diários de pacientes em situações complexas. E enquanto o sistema não se equilibra, a Vila Mariana permanece como destino prioritário. A biomédica Marina Rodrigues, moradora da Vila Prudente, é uma dessas pacientes que percorrem um longo caminho para ser atendidas fora do bairro. "Aqui eles são mais cui-

dosos, investigam mais os casos, acompanham melhor e o ambiente é mais limpo, organizado e menos lotado. Eu confio mais", afirma. Para ela, não se trata de um privilégio, mas de sobrevivência.

Apesar dessa visão, muitos usuários relatam falhas na classificação de risco e triagens inconsistentes — um reflexo direto da sobrecarga. O que chama atenção é que, em um bairro onde a maioria da população possui planos de saúde, as unidades públicas não estão vazias. Pelo contrário: estão lotadas. Isso escancara uma falha de lógica no sistema. Uma das pacientes (que pediu para ter o nome preservado) conta que "uma médica só atendeu faixa laranja e amarela. Eu era verde, não me atendeu. Chegamos 13h, fui atendida 16h40. Fiz a medicação às 17h30 e agora, 19h15, ainda estou esperando o resultado do exame", reclama.

Esses episódios revelam que a percepção de qualidade e segurança — mesmo diante de falhas opera-

cionais — é o que sustenta a escolha dos pacientes pela Vila Mariana. Isso impõe um alerta para gestores públicos: a confiança da população não se constrói apenas com estrutura, mas com atendimento humanizado, eficiência diagnóstica e resolutividade clínica, sugerem profissionais que atuam na área da saúde.

RECONHECIMENTO

Diante desse cenário, especialistas indicam que é preciso cuidado ao analisar o SUS (Sistema Único de Saúde): nem idealizar, nem descredibilizar. Como observa o professor do Instituto de Medicina Social da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Ronaldo Teodoro, o debate sobre a saúde pública exige mais do que informação, trata-se de envolvimento. "Eu acho que é uma coisa em construção, e o processo de comunicação na área da saúde precisa ser fortalecido para que a gente amplie essa consciência e dê valor", afirma. É nesse reconhecimento

consciente, e não automático, que se constrói um olhar mais justo sobre os avanços e desafios do sistema.

Enquanto a saúde pública se concentra em poucos polos de excelência, como na Vila Mariana, milhares de brasileiros precisam viajar por bairros, cidades e estados para obter atendimento que deveria ser oferecido próximo de casa. O SUS resiste às dificuldades, mas essa força tem alto custo quando há desigualdade na distribuição de recursos. Para os pacientes, é urgente garantir que o acesso digno à saúde não dependa da distância que cada cidadão pode percorrer. "Muita gente sabe que as unidades aqui são boas, mesmo quem mora longe. Minha família toda usa SUS, e mesmo morando em outras regiões, reconhecem que aqui é referência", resume Marina, ao falar sobre a realidade vivida pela avó no interior de Pernambuco.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: ANA LUISA DAVID E YASMIN COBUCI

Mais do que uma casa de repouso, um lar

Instituições do bairro surgem como oportunidade de recomeço para idosos



População idosa busca espaços de acolhimento para envelhecimento saudável e digno

FOTO: GUSTÁVIO CAMARGO E JOÃO VITOR ARAUJO

Com a chegada da terceira idade, as casas de repouso chegam para romper com um medo: a solidão. Mas o que antes era sinônimo de abandono, hoje começa a ganhar novos significados, mudando pensamentos negativos contra essas instituições. “Nós temos uma cultura que diz que devemos cuidar dos nossos pais, mas você está preparado para cuidar do seu pai? Você tem preparo para ver sua mãe de fralda, despida, suja? É emocional

também”, afirma Simone dos Santos Galhardo, 44 anos, enfermeira da Residência Sênior em uma casa de repouso localizada no coração da Vila Mariana.

De acordo com projeções da Secretaria Estadual de Análise de Dados (Fundação SEADE), em projeção da evolução populacional, com base no Censo de 2010, a Fundação SEADE estimou que, em 2050, a quantidade de idosos 65 anos ou mais será de 42.488 mil habitantes em uma po-

pulação de 108.285 mil pessoas, correspondendo a 39,24% da população da localidade.

Para profissionais da saúde mental, essa percepção é essencial. O psicanalista Rodrigo Silveira, 37 anos, destaca a percepção sobre a casa de repouso perante as diversas mudanças nas questões físicas e mentais da pessoas idosa. “A institucionalização pode levar à chamada síndrome de fragilidade, caracterizada pela perda progressiva das funções físicas e cog-

nitivas. Muitas vezes, a instituição passa a ser vista não como um espaço de cuidado, mas de esquecimento”, explica.

Mas quebrando estigmas e construindo novas percepções, a casa de repouso busca colocar os idosos de volta à ativa. Com atividades inclusivas, sessões de fisioterapia, alimentação e a busca pelo estímulo, a residência busca arrancar esse rótulo de casa do “esquecimento”. “A institucionalização não é deixar de cuidar, muito pelo contrário. Imagine você, um jornalista, ter que exercer o seu trabalho e ter que trocar seis fraldas por dia. Eles precisam de rotina. Então institucionalizar é cuidar”, reforça a enfermeira.

PRESENÇA (OU NÃO) DA FAMÍLIA

O que pesa, no fim, são os vínculos — principalmente com a família. Mesmo com uma equipe multidisciplinar dedicada, os efeitos da ausência familiar são profundos. “A família, mesmo que presente de forma esporádica, representa um eixo de sustentação emocional. A institucionalização, especialmente quando não há envolvimento afetivo dos familiares, gera um sentimento de ex-

clusão. Isso alimenta a depressão e o isolamento”, afirma Silveira.

Do lado de dentro da casa, os moradores sentem a diferença. Mauro Marcílio, 89 anos, residente da casa desde 28 de janeiro de 2025, compartilha deste sentimento. Apesar do contato diário a distância, o telefone já não mata a saudade. “Eu falo com a minha filha todos os dias por telefone, mas mesmo assim eu sinto falta. Ver pessoalmente é totalmente diferente do que falar por telefone”, diz Mauro.

A experiência de Simone e da Residencial Senior, mostra as novas abordagens quanto ao cuidado da pessoa idosa. Apesar das inúmeras atividades que buscam confortar os idosos, o que move tudo isso, na maioria das vezes, é o vínculo humano, que, posteriormente, torna-se familiar. “É como se tivessemos muitos avós”, destaca Simone.

Mas claro, nem tudo acaba de forma feliz. Com esse “restinho” de vida, em alguma momento, chega a hora de dar adeus. O que começou com um vínculo técnico e profissional, acaba, de forma inevitável, virando uma relação que envolve afeto. “Nós estamos aqui todos os dias, eu sei quem gosta de café com leite mais escuro, mais claro, quem consegue fazer suas necessidades todos os dias e quem não consegue. É o que mais pesa no profissional que cuida, acompanhar esse “finzinho” deles”, finaliza Simone.

Eu conto nos dedos os dias para ver minha filha

Mauro Marcílio, 89, morador

**REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
GUSTAVO CAMARGO DE HOLANDA E
JOÃO VITOR ARAUJO DE SOUZA**

FAPCOM, 20 anos

Há duas décadas, a FAPCOM prepara talentos para o mercado da comunicação com infraestrutura de ponta e docentes de referência.

Conheça nossos cursos e faça parte da próxima geração que transforma informação em impacto.



Escaneie o QR Code e acompanhe o Instagram



O que ocorre quando as telas desligam?

Proibição de smartphones nas escolas gera impacto positivo na população

No último ano, ao sair da estação de metrô Vila Mariana, tudo o que se ouvia era o barulho dos trilhos, dos ônibus e dos carros. Hoje, tempos após a limitação dos celulares na sala de aula, é possível escutar o barulho das bolas de vôlei e das crianças brincando no colégio Madre Cabrini. Esse novo cenário é reflexo da lei estadual 18.058/2024, que proíbe a utilização de dispositivos eletrônicos com acesso à internet nas escolas.

Os alunos devem permanecer sem o uso de celulares além da sala de aula, contando com os intervalos, atividades extracurriculares e intervalos entre aulas, a fim de promover a sociabilização e concentração dos estudantes. Segundo o Pisa (Relatório do Programa International de Avaliação de Estudantes) de 2022, 80% dos estudantes brasileiros afirmaram que ficaram distraídos nas aulas de matemática por estar usando celular e outros dispositivos.

A utilização frequente de aparelhos é dada especialmente pela facilidade e velocidade de apenas um clique da lousa, ao invés de realizar anotações no caderno. Uma das estudantes do colégio Madre Cabrini afirma que antes se dispersava e perdia as anotações realizadas em lousa pelo professor, tirava fotos com a pretensão de anotar em casa e não anotava. Atualmente confirma que, sem o celular, passou a anotar tudo no momento da explicação.

A professora de Língua Inglesa, Cristiana Cumani, observou uma grande melhora na socialização dos seus alunos na sala de aula e nos intervalos: "Hoje mesmo, estava dando aula e, embaixo da mesa de uma aluna, tinha uma bola de vôlei. Eles estão se unindo e buscando alternativas. Agora mesmo, se você olhar aqui da nossa janela, eles estão jogando no pátio."

Apesar de não ter um impacto em casa, eu acho que teve um impacto muito grande na escola, pra eles

Flávia Guedes, orientadora educacional

O uso de celulares apresenta uma melhora significativa não só em relação à aprendizagem, mas também na socialização entre os alunos, como relata a mãe de um aluno e orientadora educacional do colégio, Flávia Guedes. Ela afirma que Arthur, seu filho de 14 anos, tinha uma forte dificuldade de interação no ambiente escolar e sempre relatava para a mãe que passava os inter-

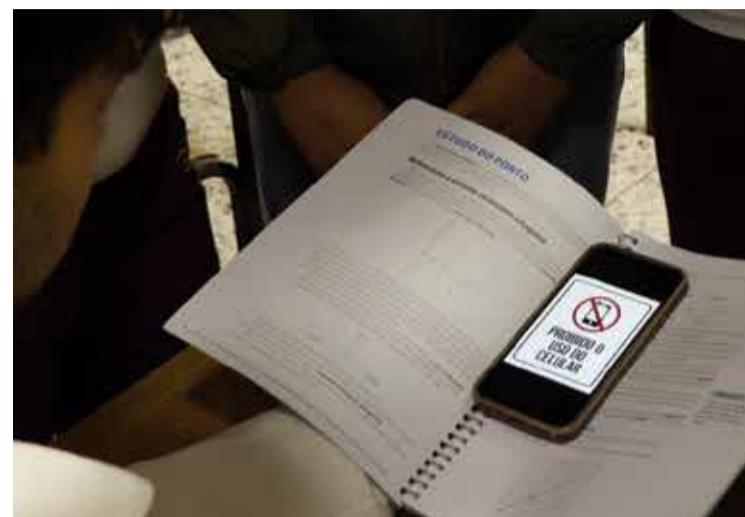
valos jogando no celular. Agora, a mãe recebe outras informações do filho: "Ele relata que participa do futebol como uma diversão na hora do intervalo. Ele é um menino que não descia pra jogar futebol. Não joga muito bem, mas é uma oportunidade que ele tem de interagir."

O processo de tratamento da nomofobia é dificultado quando os pais ficam cada vez mais distantes dos adolescentes, resultando no uso de telas cada vez mais precoce e recente. Segundo Flávia, Arthur tem um tempo definido de tela, tendo a autonomia para escolher um "joguinho" que possibilita uma interação com os colegas, mas quando está sem as telas, principalmente aos finais de semana quando a família sai juntos, se queixa de não ter interações com amigos ou outros adolescentes da mesma idade.

Além disso, priorizar atividades extracurriculares são fundamentais para crianças e adolescentes, apresenta um valor educativo e diminui a ansiedade de estar por todo o tempo no celular nos horários livres após a escola, visto que Arthur pratica atividades físicas cinco dias por semana, para intercalar seu tempo com o cotidiano corrido de seus pais.

PARA ALÉM DA SALA DE AULA

A psicóloga Beatriz Montovani alegou que não basta proibir o uso de celulares somente nas escolas, é preciso cons-



SEM TELAS: Lei propõe dispositivos eletrônicos na sala

FOTO: LAURYN AMARAL

cientizar e limitar o uso nas casas. Ela afirma uma melhora nas entregas de atividades pelos alunos, mas percebe que o rendimento não é o mesmo quando eles chegam em casa.

No consultório particular, ela recebe várias reações aflitas de pais que não controlam o tempo de tela dos filhos e ainda afirma que a restrição na escola foi uma das melhores opções, uma vez que essa geração de alunos é uma das que menos aceitam reações negativas aos seus desejos, não entendem o sentimento de frustração ou a palavra "não", segundo a especialista.

Uma pesquisa feita pelo Datafolha em outubro de 2024 apontou que 62% da população é a favor da proibição do

celular nas escolas, chegando a 65% entre pais de crianças de até 12 anos; e 76% acreditam que o uso de celulares prejudica mais do que ajuda no aprendizado.

Depois de seis meses percebe-se que, para a especialista, relativizar a lei não é uma opção. "Eu fiz uma pesquisa aqui dentro quando foi proibido, perguntando o que eles queriam, o que eles achavam. A maioria concordou. 98% dos alunos falavam 'eu tô muito mais produtiva', 'eu fui melhor nas minhas notas', 'olha, tive um trabalho pra fazer, nossa, fui muito mais produtiva.'", afirma a psicóloga que trabalha diariamente no ambiente escolar.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: LAURYN AMARAL E RAISSA NEVES

Focado na evasão escolar, Pé-de-Meia ainda caminha a passos lentos para a humanização, dizem educadores

Criado para promover a permanência e conclusão escolar no ensino médio, por meio de incentivos financeiros, o programa federal Pé-de-Meia tem impactado a vida de muitos estudantes brasileiros. No entanto, educadores e alunos acreditam que só o auxílio não é o suficiente. "O Pé-de-Meia foi o primeiro e melhor passo que a gente podia ter dado, mas agora precisa continuar, precisamos de outras ações" afirma Luís Tonelloto Rodrigues, professor e influenciador digital. Para ele, o programa foi um grande avanço que o Estado podia ter dado para alcançar uma escola mais humanizada, apesar das críticas às limitações da iniciativa.

"O foco é a evasão nas escolas, muito se fala dessa evasão escolar física, mas pouco sobre a evasão emocional, quantas crianças vão para a escola, mas não criam nenhum vínculo emocional com aquele ambiente? O impacto do Pé-de-Meia é positivo, mas olhando de uma forma geral, é muito pequeno ainda", reforça o influenciador.

Na Vila Mariana, bairro nobre de São Paulo, o professor de língua portuguesa categoria O da Escola Estadual Fabiano Lozano Maestro, Thiago Freitas, também afirma que o Pé-de-Meia é importante, porém necessita de aprimoramento, ele declara que "o programa ajuda, e é uma política que

deve ser incentivada para garantir a permanência do jovem. Mas precisa ser aprimorado. Só atrelar a permanência ao recurso financeiro não é o ideal. Tem de ter o recurso, mas também outras atratividades.

Dentre todas as melhorias apontadas por educadores para o programa, a falta de uma abordagem mais afetiva e a ausência de mudanças na estrutura acadêmica é recorrente. O professor ressalta que a evasão escolar não está ligada apenas ao dinheiro mas também ao desinteresse e a sensação de não pertencimento dos jovens à escola. "O programa deveria vir acompanhado de um olhar mais integral sobre o jovem: formação profissional, acompanhamento psicológico e um ensino médio mais atrativo". Thiago enfatiza que sem o fortalecimento da qualidade do ensino e do vínculo afetivo entre escola e aluno, o impacto será limitado a uma presença física nas salas de aula.

Esse é o sentimento de Luiza, estudante de 17 anos, moradora do bairro Mooca, ela comenta que em sua escola sente que a frequência dos seus colegas realmente está melhor, porém o rendimento escolar é muito inferior. "Na minha opinião, eles vão apenas pela presença. Ainda não há algo que incentive em relação às notas, é só a presença, estão lá na escola, respondem a chamada e saem para passear". Apesar disso Luiza reconhece que

o valor recebido pelo programa tem ajudado na rotina. "Essa quantia é um valor que ajuda sim, não é muito, mas ajuda. Em casa eu sempre separo um valor para ajudar com alguma conta para ajudar minha mãe e o restante eu uso com coisas de higiene básicas."

Um dos principais objetivos do programa é incentivar o jovem a realizar uma poupança, a fim de alcançar o seu pé-de-meia. Porém, ao olhar as realidades financeiras de cada família, fica fácil compreender que, para algumas, é impossível guardar esse dinheiro. Luiza comenta que "na minha realidade não é tão fácil de guardar, porque eu e minha mãe precisamos usar para o básico do dia a dia, não é para luxo, é para o essencial". Para Beatriz, estudante da rede pública que também recebe o Pé-de-Meia, o valor não é suficiente "Com certeza esse valor não faz nem cõcegas se é esse o objetivo", Vitória, por sua vez, diz que só consegue guardar dinheiro porque está trabalhando. "No começo, o dinheiro do Pé-de-Meia era muito importante, mas hoje em dia não, agora eu trabalho então dinheiro entra só como apoio, para ter uma renda extra ou até mesmo juntar para o futuro".

O professor Luís acredita que apesar do valor ainda ser baixo, o impacto do projeto na vida dos alunos é significativo e acredita que a expansão do programa seria ainda mais vantajosa.



LIMITADO: Programa ignora questões estruturais da juventude

FOTO: IRIS FREITAS

Dona Maria Iná Alves, zeladora da Escola Estadual Arcy Major, localizada na Vila Mariana, relata que a presença dos alunos do ensino fundamental 2 (do 6º ao 9º ano) tem aumentado nos últimos meses. Embora a escola não ofereça o ensino médio, ela acredita que é fundamental que os estudantes já conheçam o programa Pé-de-Meia desde cedo, para que sua implementação vá além do papel e se concretize como uma realidade nas escolas públicas do bairro e do estado.

Especialistas em políticas públicas reforçam essa visão e defendem a ampliação do programa para outras etapas da educação básica, como o ensino fundamental 2, que apresentam os índices de evasão escolar preocupantes. De acordo com o Censo Escolar 2023, mais de 650 mil alunos abandonaram os estudos entre o 6º e o

9º ano, o que evidencia que a crise da permanência escolar tem início bem antes do ensino médio.

Apesar das limitações, o projeto traz benefícios para os jovens brasileiros e marca um avanço importante na educação do país. A ONU (Organização das Nações Unidas) destacou que programas de transferência de renda condicionada à educação, como o Pé-de-Meia, têm resultados positivos em outros países da América Latina, como México (com o programa "Prospera") e Colômbia (com o "Familias en Acción"). No Brasil, experiências anteriores, como o Bolsa Família, também mostraram melhora na frequência escolar de crianças e adolescentes beneficiados.

DIAGRAMAÇÃO E REPORTAGEM: GABRIEL LOPES E IRIS FREITAS

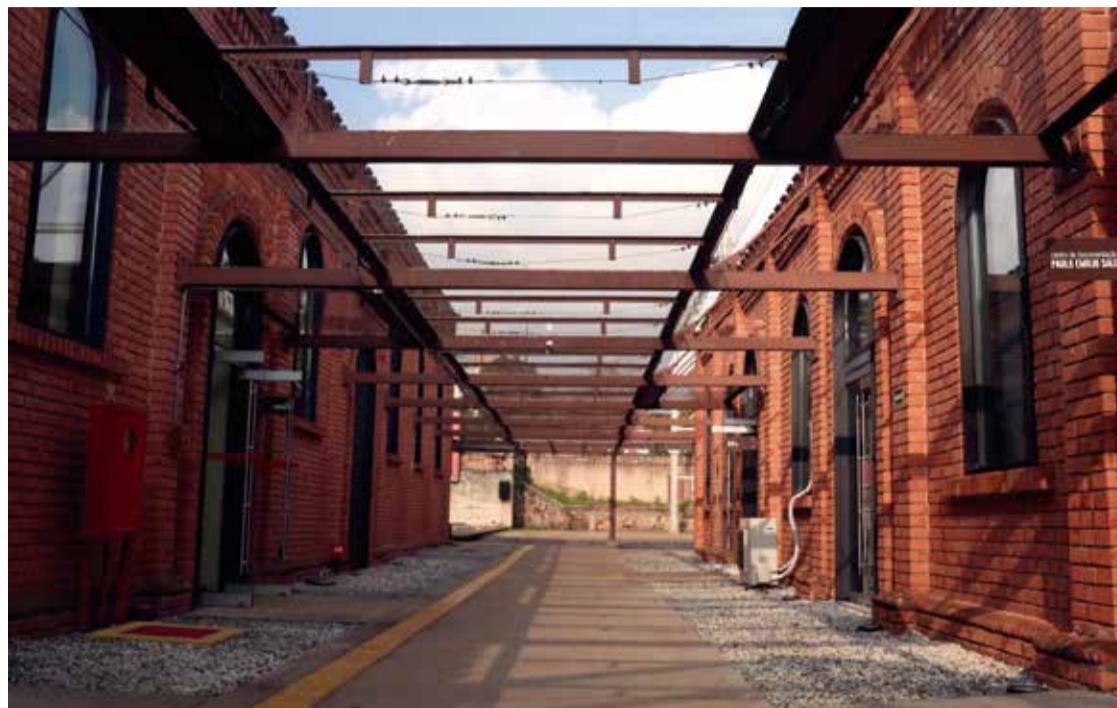
Cinemateca é um tesouro escondido

Com mais de 56 mil registros filmográficos, espaço tem pouca visibilidade

Entre os muros de tijolo e os jardins silenciosos do Largo Senador Raul Cardoso, 207, pulsa a memória do cinema brasileiro. A Cinemateca Brasileira, um dos maiores acervos audiovisuais da América Latina, é um reduto de cultura, história e resistência. Uma instituição que carrega consigo as camadas profundas do cinema nacional, seus avanços, retrocessos, incêndios e renascimentos. Mas, paradoxalmente, essa joia nacional ainda é pouco conhecida por muitos moradores da Vila Mariana, o próprio bairro que a abriga.

Apesar da intensa programação, que inclui mostras temáticas, sessões de clássicos restaurados, ciclos de debates e atividades educativas, a presença da Cinemateca ainda é tímida entre os moradores da Vila Mariana. Muitos desconhecem as atividades oferecidas ou sequer entraram no espaço. Uma exceção é a psicóloga Célia, de 77 anos, que há mais de 30 mantém um consultório a poucos metros dali. "Desde menina eu conhecia o prédio. Quando comecei a trabalhar aqui, acompanhei todo o processo de restauração e até participei da cerimônia de inauguração. Teve um balé super legal na praça, foi bem interessante", conta ela.

Com frequência, Célia aproveita a tranquilidade do espaço para atender online ou simplesmente caminhar pelos jardins. Para ela, o local poderia oferecer ainda mais possibilidades. "Tem gente que faz caminhada, festa de criança. É muito utilizado. Mas acho que ainda é pouco aproveitado do ponto de vista cultural. Um bom restaurante aqui chamaria mais gente", sugere. Frequentadora das mostras e eventos organizados pela Ci-



RECONHECIMENTO: Pouco visitado, espaço possui acervo histórico para o cinema nacional

FOTO: RAFAEL MOURA

nemateca, ela também sente falta de maior divulgação. "Tem coisas acontecendo, feiras de alimento, algumas programações boas, mas poderia ter mais. É um espaço incrível e precisa ser mais valorizado".

Embora atraia estudantes, cinéfilos e pesquisadores de várias partes da cidade, a Cinemateca enfrenta o desafio de se integrar de forma mais efetiva ao cotidiano do bairro. O problema parece estar menos na oferta e mais na comunicação. Ainda assim, há iniciativas que buscam estreitar esse laço. A instituição promove eventos ao ar livre e atividades voltadas a públicos diversos. Os jardins, que funcionam diariamente das 8h às 18h, podem ser um convite para que vizinhos utilizem o espaço como ex-

tensão de suas rotinas, seja para uma leitura, um piquenique ou uma simples caminhada.

A história da Cinemateca remonta à década de 1940, quando um grupo de intelectuais paulistas, liderados por nomes como Paulo Emílio Sales Gomes, fundou o Segundo Clube de Cinema de São Paulo. Esse movimento culminou, em 1949, na criação da Filmoteca do Museu de Arte Moderna, embrião da Cinemateca. A fundação da Cinemateca Brasileira, como conhecemos hoje, ocorreu em 1956. Desde então, passou por diversas transformações, enfrentou quatro grandes incêndios, mudanças de gestão, paralisações e retomadas, sem jamais perder sua função primordial: preservar e difundir a produção au-

diovisual brasileira.

Transferida para a atual sede na década de 1990, após anos de reformas e restaurações nos edifícios históricos da antiga unidade do matadouro municipal, a Cinemateca ocupa hoje um conjunto arquitetônico tombado, reconhecido pela importância cultural e patrimonial. Em 1997, com a conquista definitiva da sede na Vila Clementino, consolidou-se como um espaço privilegiado para a preservação da memória cinematográfica nacional.

A instituição abriga mais de 56 mil registros filmográficos, 59.552 registros bibliográficos e cerca de 57 mil materiais digitais catalogados no Banco de Conteúdos Culturais (BCC). Esses números refletem a intensa atividade técnica da instituição,

que conta com depósitos climatizados, laboratório de restauração, equipamentos de digitalização e o Centro de Documentação e Pesquisa Paulo Emílio Sales Gomes. Acessível ao público, o espaço é fundamental para pesquisadores, estudantes e apaixonados por cinema.

O nome de Paulo Emílio, homenageado no Centro de Documentação, é indissociável da própria história da Cinemateca. Crítico, professor e fundador da graduação em cinema no Brasil, ele defendia um cinema engajado com as questões do país e acreditava no audiovisual como forma de expressão crítica e de transformação social. Foi sob sua liderança que a instituição ganhou solidade e reconhecimento internacional, tornando-se membro da Federação Internacional de Arquivos de Filmes (FIAF).

Mais do que um arquivo, a Cinemateca é um território simbólico. Um ponto de encontro entre o passado e o presente do audiovisual nacional. Nos últimos anos, mesmo com os desafios enfrentados, como o incêndio de 2021 na unidade da Vila Leopoldina e a paralisação de atividades durante a pandemia, a Cinemateca ressurge com projetos de recuperação e modernização, como o Viva Cinemateca, lançado em 2023. O projeto visa restaurar edificações históricas, ampliar espaços técnicos e recuperar importantes coleções, como os filmes em nitroato e os cinejornais do Canal 100.

Resta que a sociedade olhe para esse patrimônio não como um museu distante, mas como um território de pertencimento local.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
MATHEUS VENTURA E RAFAEL MOURA

Viriato Corrêa é considerada 'refúgio literário' no bairro

A leitura é a forma mais antiga de compartilhar conhecimento. É pelos livros que acadêmicos divulgam teses, adolescentes se preparam para provas e crianças desenvolvem a sua criatividade e criam cenários diversos em suas cabeças. Nos últimos anos, o Brasil aparece como um país que compartilha cada vez menos desse ato. Uma pesquisa realizada pelo instituto Retratos da Leitura indica que mais de 6,1 milhões de pessoas deixaram de ler. Mas a Vila Mariana resiste.

O bairro com forte polo estudantil é composto de faculdades e uma grande concentração de universitários. A estudante Larissa Saviolli relata que sempre gostou de frequentar bibliotecas, principalmente para estudar ou para ler. O incentivo à leitura na região parece mais forte do que em outros locais, também para alcançar a população como um todo, que tem o direito à cultura, garantido por meio das bibliotecas públicas, como é o caso da — agora sexagenária — Viriato Corrêa.

Localizada na Rua Sena Madureira na Vila Mariana, o espaço é o berço

literário da região. O prédio atual, inaugurado em 4 de abril de 1965, completa 60 anos em 2025 e, além de livros, abriga uma gama de atividades e lazer para a comunidade, desde cursos de idiomas até atividades de memória para a população idosa.

Mas é notável a falta de divulgação sobre o espaço. Nenhum cartaz é visto nas ruas do bairro. Os eventos são anunciados apenas dentro da biblioteca, o que dificulta o acesso do público geral, que sequer acessa as mídias sociais para buscar informações.

E FORA DAS REDES?

Com tantas histórias e livros, a biblioteca da Vila Mariana atrai leitores de outros bairros e até cidades, segundo Cláudia, a bibliotecária do local, moradores de bairros próximos e até do ABC paulista, frequentam o espaço. Entretanto, ela ainda destaca a falta de valorização dos ambientes, mesmo com o empenho da prefeitura para manter o espaço, com a aquisição de mais livros e a realização de eventos para atrair novos públicos. "A bibli-

oteca dá esse incentivo à cultura, ao conhecimento de uma forma. Eu acho muito legal as bibliotecas públicas se preocuparem com isso, sabe? De levar o conhecimento às pessoas que não têm condição", pontua a funcionária do local.

Outra relação importante abordada por Cláudia é o relacionamento entre a biblioteca e as escolas da região, segundo ela, muitos alunos de colégios públicos e particulares vão ao espaço para aproveitar as atividades do local, fazem a carteirinha e voltam a frequentar com os pais ou familiares, o que é bastante importante para o desenvolvimento do hábito da leitura principalmente para os pequenos.

Essa relação é evidenciada por motivos educacionais das instituições, além da obrigação de ensino dos alunos. Mas, a prefeitura não divulga o espaço como local cultural, o que atraria mais pessoas, principalmente no âmbito universitário, aumentando a visibilidade necessária para o local se reforçar neste cenário.

"Eu sinto que há falta de divul-



BERÇO LITERÁRIO: Bibliotecas oferecem lazer para todos

FOTO: PEDRO HENRIQUE

gação não só dessa biblioteca, mas de todas as bibliotecas que conheço e diversos outros serviços públicos. Existem milhares de serviços gratuitos que todo mundo tem acesso, mas a divulgação chega a ser tão escassa que as pessoas não ficam nem sabendo que tais serviços existem. Eu mesma, que adoro rodar uma biblioteca, não imaginava que havia uma tão perto da minha faculdade", afirma a estudante Larissa Saviolli, ao observar a possibilidade de ampliar o acesso da comunidade.

A Constituição Federal de 1988, no artigo 215, garante o pleno direito à cultura para todos os brasileiros, e as bibliotecas públicas são um ponto fundamental para essas garantias. O espaço de convivência e lazer além de despertar o interesse em livros para

novos leitores abrange vários eventos e oficinas propostas para democratizar esse acesso à cultura.

A bibliotecária Aline, que trabalha na Fapcom (Faculdade Paulus de Comunicação), também traz a informação que poucos alunos frequentam o espaço privado, além de concordar que a biblioteca deve ouvir os usuários, para ser um espaço acolhedor e de vivências. Ela destaca ainda o papel dessas instituições para a comunidade. "A gente não pode ser uma biblioteca quadrada, a gente tem e ser múltiplo, porque as pessoas são múltiplas, cada um tem um jeito", pontua.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
PEDRO HENRIQUE E JOSÉ EMANUELL

Feira Pop Plus agita economia da região

Evento que marca celebração de corpos movimenta empreendedores



AGENDA: Edições ocorrem nos meses de junho e dezembro

FOTO POR: THIAGO THOMAZ

Há mais de uma década, a jornalista Flávia Durante deu início ao que seria hoje o Pop Plus. Motivada por suas lutas pessoais, a também empreendedora busca reunir diversas marcas engajadas pela moda plus size desde as primeiras edições do evento. A feira, que ocorre anualmente na cidade de São Paulo, busca criar um espaço de acolhimento e pertencimento a pessoas gordas que desejam expressar sua autenticidade por meio da moda.

A busca interna por inclusão e identificação foi o que encorajou Flávia a dar início a um pequeno empreendimento de revenda de biquínis, que deu origem ao que tornaria-se hoje a maior feira de moda plus size do mundo. Em 2012, a idealizadora do projeto passou a revender biquínis plus size, com intuito de abraçar mulheres que buscavam peças em tamanhos que vestissem em seus corpos, o que futuramente despertou em Flávia o interesse em realizar o seu primeiro brechó de roupas plus size.

Superando obstáculos e ganhando cada vez mais apoio e notoriedade, a feira que antes foi vista apenas como mais uma tentativa de inclusão no mundo da moda, agora recebe diversos expositores anualmente. A idealizadora do projeto desabafou sobre a dificuldade em encontrar marcas que estavam juntas no início, e alega que, em sua maioria, as marcas não acreditavam nesse mercado. "Tinha

de ir atrás, tinha de ir em outras feiras autorais e falar, 'olha tem esse projeto aqui e acho que ele vai dar muito certo'. Tinha esse processo quase de evangelização mesmo, de ir e falar que existe esse público que está super carente, e quer ver coisas bonitas, de qualidade na moda."

Com o crescimento do evento, Flávia conta que passou a fazer o caminho inverso — agora são as marcas que buscam o projeto para expor suas peças. Uma curadoria realizada pela criadora da feira se tornou necessária para filtrar o que é ou não interessante para exposição e visando trazer novidades, já que o evento busca atender a todos os tipos de estilo e público, desde aquele que consome peças alternativas até os que buscam algo mais casual para ser usado no dia a dia, como em casa ou no trabalho.

Ao longo dos anos, o Pop Plus foi se adaptando ao que estava em alta no mercado da moda e ganhou novos formatos visando atender um público cada vez maior. A estética de peças "alternativas", da qual era presença confirmada em grande parte das marcas presentes na feira, aos poucos foi dando espaço para o estilo casual, consumido pela grande maioria dos consumidores. Para Flávia, a grande virada do projeto foi passar a enxergar a moda como um direito da dignidade humana, e não apenas mais um meio de consumo em uma sociedade capitalista.

Você que é uma pessoa gorda e, às vezes, não tem nenhuma roupa para trabalhar, nem roupa básica

Flávia Durante, 48
Empreendedora

MERCADO MOVIMENTADO

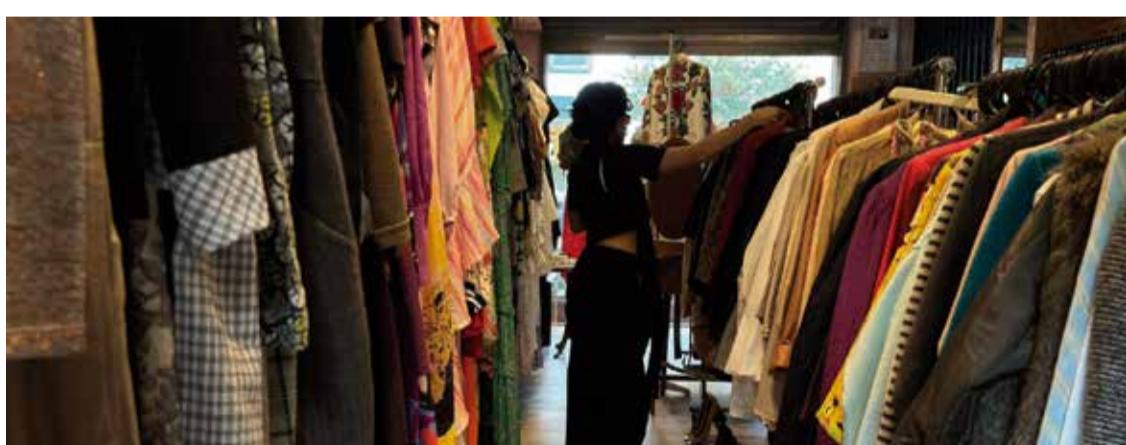
De acordo com a agência de notícias AFP (Agence France-Presse), estima-se que cerca de 10 mil pessoas visitaram o evento em cada uma das últimas edições. Dados importantes para o microempreendedor, já que a feira abre espaço para marcas pequenas que encontram ali um meio de ampliar seus negócios. "Hoje, especificamente uma feira de brechó plus size, poder atender diversos corpos. Principalmente, corpos que geralmente não encontram itens, produtos diferenciados de moda alternativa como a gente trabalha", disse Fenyx dona da marca Rock Me, que esteve presente no evento.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
MARIA EDUARDA SILVA MACHADO E
THIAGO THOMAZ RODRIGUES

Autenticidade ou padronização de estilo da internet: o que leva o jovem a consumir nos brechós da Vila?

Os jovens são constantemente influenciados pelas plataformas digitais e isso reflete na moda. Muitos usufruem do mercado de segunda mão e estão à procura de autenticidade, produtos que os destacam de alguma forma e, geralmente, encontram os lugares que vendem essa originalidade via mídias digitais. Mariana Panizi tem 21 anos, frequenta brechós na Vila Mariana há quatro anos e conheceu a moda circular pela internet. Ela diz que os criadores de conteúdo que acompanha são do meio modista e começou a visitar brechós influenciada por eles. O que ela mais gosta nesses ambientes são as peças únicas e cheias de personalidade. "Às vezes a gente vai comprar uma roupa na C&A, por exemplo, que dura pouco tempo e já temos que descartar e esse descarte vai para lugares terríveis", completa a jovem.

Carol Lardoza é historiadora e influencer de moda sustentável com mais de 37 mil seguidores nas redes sociais e explica sobre a importância de informar a geração Z a respeito do consumo consciente no mundo digital. Para ela, a juventude busca pertencer a uma determinada bolha e isso resulta em uma padronização de estilos. Assim, se os criadores de conteúdo trouxerem inovações fashionistas, como o Upcycling, apresentariam para a nova geração for-



FUTURO: Brechós ficaram populares na década de 80; profissionais da área notam crescimento

FOTO: MAYARA LOPES

mas de se destacarem. "Se os influencers trazem essa inovação de design de peças únicas, porque um designer que faz Upcycling, ele não faz peças em série, você consegue ter um destaque, uma peça diferentona pensada para você, uma assinatura de estilo."

Lardoza explica que o meio virtual é um portal para o consumismo acelerado, pois há uma grande viralização de vídeos que apresentam produtos das famosas marcas de fast fashion e argumenta que os influenciadores poderiam estar dispostos a produzirem conteúdos mais conscientes. "Quando a gente pega o telefone e há vídeos de get ready with me, recebidos SHEIN e outras trends de pessoas que não preci-

savam estar consumindo de uma ultra fast fashion, é desanimador. As pessoas acabam se inspirando nisso. Se esses influencers de fato estivessem abertos a produzir um conteúdo mais consciente, poderiam começar diminuindo essa exposição de produtos e publicidade".

Como alternativa, a procura por brechós tem crescido. Dados da Semrush, plataforma digital de marketing, revela que entre setembro de 2022 e setembro de 2023, as buscas por "brechó perto de mim" cresceram 175%. Natalia Peric, formada em moda, dedica-se ao setor de segunda mão há uma década, atualmente é curadora e vendedora no brechó La Maison est Tombée, localizado na zona sul de São Paulo,

comenta que após a pandemia, além de uma crescente procura pelo estabelecimento, muitos jovens passaram a frequentar por conta da viralização. "O público começou a mudar, porque desde o começo do ano, a dona daqui começou a trabalhar mais as redes sociais e a gente percebe que o público jovem se atrai", relata Peric.

A juventude busca novas formas de consumo, dados do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) apresentam que em 2020, cerca de 223 milhões de pessoas declararam que já haviam consumido ou que consumiriam em brechós alguma vez, dentre elas as gerações Y e Z são as que representam a maior fração dos consumidores.

A tendência é que os brechós e empreendimentos de moda circular cresçam a partir da procura da nova geração e o desejo pela originalidade. "Você consegue conhecer mais sobre o seu estilo, se você garimpar em um brechó. É um autoconhecimento e uma criação de um estilo mais autêntico", sugere Lardoza.

Brechós na Vila Mariana

Locais de venda e consumo de peças e acessórios usados, os brechós são importantes para o mercado da moda circular, pois auxiliam no processo de entrada e saída dos produtos, fazem com que o tempo de vida útil deles seja estendido e evitam o descarte incorreto dos produtos. Na Vila Mariana há brechós espalhados por todo bairro, acesse o QR Code e descubra onde encontrar:



REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: MAYARA LOPES E TARCILA RODRIGUES

Empreendedor local enfrenta alto custo

Collabs são diferenciais para superar burocracia e público seletivo do bairro

As dificuldades enfrentadas pelos empreendedores da Vila Mariana não são exclusivas. Em bairros como Pinheiros, Itaquera, Lapa ou Capão Redondo, os relatos se repetem: burocracia excessiva, falta de acesso a crédito, necessidade de inovação constante e solidão no processo de empreender são obstáculos comuns. No entanto, o bairro carrega particularidades que tornam a jornada mais desafiadora.

Mesmo com os obstáculos, os negócios locais seguem resistindo, reinventando-se dia após dia. A força de quem aposta em ideias autoriais, produtos feitos à mão e serviços personalizados mostra que, mesmo diante de tantos desafios, há espaço para sonhos mesmo que eles exijam mais suor do que se imagina.

Embora cada trajetória seja única, há um fio comum que conecta todos os depoimentos: a busca por autonomia esbarra, frequentemente, em obstáculos como a falta de preparo técnico, a dificuldade de especificação, a queda no poder de compra dos consumidores e a necessidade de se adaptar rapidamente a um mercado cada vez mais dinâmico.

Essa dificuldade de gestão também aparece na fala de Juliana, empreendedora de velas artesanais. "A parte criativa é fácil pra mim, mas lidar com números, com controle de estoque e financeiro. Isso eu acho muito mais difícil", afirma. Sozinha

no negócio, ela diz se sentir sobre-carregada por precisar "dar conta de tudo" o tempo todo.

Inovar é quase uma obrigação para quem vive de vendas diretas. Gabriel, que veio do Rio de Janeiro e hoje empreende com doces confeccionados em São Paulo, explica que manter a identidade da marca exige investimento, especialmente no visual. "Tudo sai do nosso bolso. A bancada, os displays, até as collabs com outros artistas. Nossa diferencial é esse: cada feira tem uma fatia de bolo nova."

O pequeno empreendedor é a base da economia do bairro

Ricardo Yamasaki, 55, economista

Para o economista Ricardo Yamasaki, 55 anos, empreender na Vila Mariana envolve os mesmos entraves que se vêem em muitos bairros paulistanos com a diferença de que aqui, os custos e exigências são ainda mais altos. "Infelizmente, a burocracia continua sendo um obstáculo

enorme. Mesmo com a digitalização, quem quer abrir um pequeno negócio esbarra em alvará, vigilância sanitária, corpo de bombeiro. É muita coisa para quem está começando", explica o especialista.

Yamasaki também aponta para o alto custo de operação como um fator que limita o crescimento dos pequenos empreendedores. "Aluguel, folha de pagamento, taxas. Tudo é caro. A Vila Mariana tem um público exigente e diverso, o que é ótimo, mas isso também exige estrutura e investimento." A concorrência com grandes redes e franquias, segundo ele, desequilibra o jogo. "Elas compram em escala, fazem promoções agressivas, têm verba de publicidade.

O pequeno precisa competir com isso oferecendo o que as grandes não têm: identidade local. Conhecer o cliente pelo nome, entender o bairro." Ele acredita que, sem políticas públicas específicas para a realidade da Vila Mariana, muitos negócios continuarão abrindo e fechando rapidamente. "Faltam iniciativas voltadas para cá. A gente precisa de crédito acessível, cursos noturnos, feiras de bairro. Empreender aqui é possível, mas só pra quem chega preparado e aguenta o tranco."

**REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
LAURA ROZZO E
MALU BARBOSA**



COLLAB: Empreendedores criam uma feira em conjunto
FOTO: MALU BARBOSA

Entre tradição e inovação, cardápios de pizzarias desafiam paladar dos moradores da Vila Mariana

AVila Mariana é marcada pela forte cultura italiana e pelas tradicionais pizzas que atravessam gerações oferecendo aos clientes uma experiência autêntica e saborosa. Atualmente, a presença do público mais jovem influencia os estabelecimentos a se adaptarem para agradar ambos os públicos.

O bairro que serviu de refúgio social e cultural para os italianos que vieram no século XX para escapar da urbanização acelerada e difíceis condições de onde viviam, viram a cidade de São Paulo, em específico o bairro Vila Mariana como uma oportunidade de moradia acessível. Por ser uma região semi-rural e com pouca urbanização, decidiram se estabelecer no local.

A culinária italiana é famosa por sua simplicidade, usa de ingredientes frescos e de alta qualidade. As pizzas tradicionais chamadas Nápoles ou Napolitanas, são massas de alta hidratação e de longa fermentação, o que as torna leves, com centro fino, bordas altas e aeradas.

A procura pela manutenção da cultura e a necessidade de inovação geram um conflito que pode ser explicado pelo sócio proprietário do Quintal Vó Maria Pizza Bar, Gus-



NOVIDADE: Pizza de queijo brie com geleia de pimenta e pizza de muzzarela de búfala
FOTO: GLORIA MARIA

tavo Vicentini. De acordo com o empresário "Pizzas como Vó Maria, com calabresa artesanal e mozzarella de búfala, atraem o público com paladar tradicional, já sabores modernos, como a Tia Neninha, preparada com queijo brie e geleia de pimenta, atraem o público jovem que gosta de sabores diferentes".

Esta adaptação é válida para diversos restaurantes locais, pois

o crescimento de jovens no bairro acontece de forma gradual e se intensifica cada vez mais devido ao aumento de universidades, boa mobilidade urbana, moradias acessíveis e por ser um bairro de perfil idoso, calmo e estruturado.

Segundo o especialista em pizza contemporânea ítalo-brasileira, Patrick Catapano, "Para os tradicionalistas, quando eles veem que

também", comprovando que mesmo sendo resistentes, no final abrem mão do antigo e dão chance ao novo.

Os empresários sinalizam que a autoconvicção está entre os maiores desafios de uma pizzaria para agradar os diversos públicos em um mercado tão competitivo. Para eles, um produto que é diferente faz as pessoas terem receio e ficarem desconfiadas, já que estão acostumadas com o tradicional. Mas é justamente essa ousadia, misturada com estratégia, que parece ter motivado os proprietários na proposta de um produto inovador. Aos poucos, eles foram convencendo os clientes e conquistando espaço, o que faz parte de um negócio que está em busca de personalidade em direção ao crescimento, avaliam.

Gustavo Vicentini apresentou uma iniciativa que figura neste sentido: após vários pedidos de pizza com borda recheada, ele decidiu criar um blend de queijos para o cliente mergulhar a borda da pizza no molho sem "estragar" a experiência com a tradicional massa italiana.

**REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
BEATRIZ VIANA E GLORIA MARIA**

Quadras e sonhos: o futuro do basquete

Jovens atletas encontram no Ibirapuera conforto para praticar o esporte

Tradicionaismente chamadas de "Meca do Basquete" por quem as frequenta, as quadras do Ibirapuera sintetizam o espírito coletivo que o basquete brasileiro tem construído como objetivo. Junto de um ambiente acolhedor, localização estratégica, se destaca como espaço de crescimento e pertencimento para jovens atletas.

No coração de São Paulo, com mais de setenta anos de existência, o Ibirá é um espaço já estabelecido como o principal ponto de lazer e cultura da capital paulista. A construção histórica do parque é marcada pela realização de grandes eventos e competições do mais alto nível, mas, sobretudo, pelas condições oferecidas a todo tipo de público, que para além de um lugar turístico que recebe milhares de visitantes diariamente, há jovens que buscam um salto maior que a quadra.

O jogador da seleção sub-17 do Centro Olímpico, André Luiz, comenta sobre seu processo de desenvolvimento e como a estrutura ajuda em sua trajetória. "O meu desenvolvimento depende mais de mim, só que as estruturas que estão ao redor ajudam muito".

Além disso, o contraste entre a realidade anterior, em que não havia acesso a espaços com essa condição, e o momento atual reforça o quanto o reconhecimento das oportunidades pode fortalecer a motivação. Ao valorizar o que tem hoje, André traduz um sentimento comum entre os jovens que frequentam o Ibirapuera: o de enxergar ali não apenas um local para praticar esportes, mas um terreno fértil para cultivar sonhos mais altos.

"Pela quantidade e qualidade das quadras, não costuma ficar lotado. Isso é muito bom pra quem quer treinar. Sair

de um lugar onde eu nunca vi estruturas como esta me ajudou a valorizar mais onde estou", explica o atleta.

Apesar de reconhecer a qualidade e a quantidade das quadras como um diferencial, André aponta para um aspecto importante que poderia ser melhorado: o piso. "Eu melhoraria apenas o piso das quadras, são muito escorregadias e acabam machucando pessoas que quem só se divertir ou evoluir o jogo."

A estrutura oferecida pelo local é referência no que diz respeito ao basquete brasileiro. Além da modernidade e qualidade, o parque oferece também toda uma ambientação simbólica, sendo um palco relevante para a história do basquete nacional.

Com esses aspectos somados, temos um local no coração da Zona Sul de São Paulo que acolhe e potencializa o surgimento e desenvolvimento de novos atletas. O fisioterapeuta esportivo Eduardo Santos destaca a estrutura proporcionada, juntamente da importância do acolhimento ao ambiente. "Um parque que proporciona uma estrutura com alta qualidade transmite confiança por meio de maior segurança local, realiza um vínculo entre atleta e o ambiente, valorizando o sentimento de 'casa', onde vai cuidar e proteger para que continue ali sua evolução."

O local, que já sediou eventos de alto nível como a Copa Intercontinental (2015), Mundiais de Basquete Feminino (1971), Jogos Pan-Americanos (1963) e o retorno do Jogo das Estrelas do NBB em 2024, proporciona ao praticante da modalidade algo que vai além da possibilidade de evolução física.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
CAIO CESAR, IVAN GABRIEL, LUCAS BITENCOURT



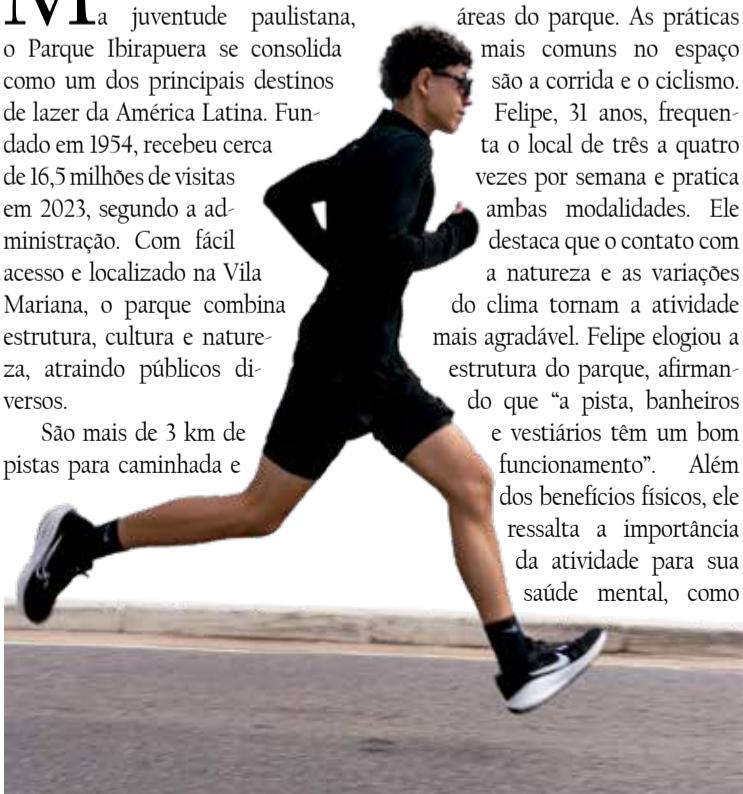
QUADRAS CHEIAS: Parque oferece estrutura completa para atletas em diferentes níveis

FOTO: IVAN GABRIEL

Ibirá é ginásio a céu aberto para qualquer modalidade

Muito além das quadras de basquete que movimentam a juventude paulistana, o Parque Ibirapuera se consolida como um dos principais destinos de lazer da América Latina. Fundado em 1954, recebeu cerca de 16,5 milhões de visitas em 2023, segundo a administração. Com fácil acesso e localizado na Vila Mariana, o parque combina estrutura, cultura e natureza, atraindo públicos diversos.

São mais de 3 km de pistas para caminhada e



DIFERENCIAL: Contato com a natureza ajuda a superar limites

FOTO: LUCAS GUINOTHER

corrida, além de uma ciclovía de cerca de 3,5 km que conecta diferentes áreas do parque. As práticas mais comuns no espaço são a corrida e o ciclismo.

Felipe, 31 anos, frequenta o local de três a quatro vezes por semana e pratica ambas modalidades. Ele destaca que o contato com a natureza e as variações do clima tornam a atividade mais agradável. Felipe elogiou a estrutura do parque, afirmando que "a pista, banheiros e vestiários têm um bom funcionamento". Além dos benefícios físicos, ele ressalta a importância da atividade para sua saúde mental, como

uma forma de terapia: "Me ajudam nessa 'limpeza mental', no alívio de estresse e ansiedade."

Desde 2020, o Parque Ibirapuera, embora ainda público, é administrado pela empresa Urbia por meio de concessão da Prefeitura de São Paulo. A nova gestão implementou melhorias, principalmente em infraestrutura esportiva e acessibilidade. Entre as ações, destacam-se a reforma de quadras, a criação de uma nova ciclovía e a revitalização de espaços esportivos.

A prática de exercícios traz benefícios além da saúde física para todas as idades, essa relação entre corpo e mente é cada vez mais reconhecida por evidências científicas. Essa prática regular é essencial para a saúde mental, promovendo benefícios físicos e mentais significativos, como a prevenção da depressão e ansiedade, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde).

Bruno Modesto, mestre em ciências pela USP e idealizador do projeto "Exercício e Coração", destacou os efeitos positivos da atividade física na saúde pública. Segundo ele,

a ação contribui diretamente para a saúde mental da população, ajudando a reduzir o estresse e a ansiedade. Ele afirmou que "Além do benefício a longo prazo, existe também um benefício a curto prazo, com melhora na autoestima, disposição, força, etc."

Durante a pandemia, Bruno observou uma queda significativa nos níveis de atividade física, com muitas pessoas passando entre 6 a 8 horas inativas por dia, sem alcançar os 150 minutos semanais recomendados pela OMS. Com a reabertura dos espaços públicos, parques e ambientes ao ar livre se tornaram essenciais para que ele pudesse retomar os hábitos no final de 2021.

Ele acrescenta que o padrão de busca por atividades ao ar livre se manteve, especialmente com a popularização da musculação e da corrida, "muito impulsionados pelas redes sociais". Ainda destaca que "muitas pessoas escolhem esses ambientes ao ar livre por serem mais inclusivos e convidativos", e que fatores como o sol e o contato com a natureza contribuem para o engajamento contínuo:

Atualmente, o Ibirá também abriga eventos recorrentes, como corridas de rua, caminhadas organizadas, festivais de bem-estar e ações patrocinadas por grandes marcas, incluindo a própria Nike. Iniciativas sociais e privadas, como a Arena Centauro —

inaugurada em 2023 —, oferecem aulas e treinos gratuitos, ampliando o acesso à atividade física para diferentes públicos. Influenciadores também impulsionam as atividades no Parque Ibirapuera. Alfredo Neto, com mais de 700 mil seguidores, lidera o grupo de corrida Naturals Running Club, que se reúne todos os sábados às 7h para percursos de 5 a 8 km.

A valorização do estilo de vida fitness fez do Parque um ponto de encontro para quem prioriza a saúde, bem-estar e socialização, independentemente da modalidade esportiva. As redes sociais influenciam diretamente a promoção de hábitos saudáveis, com influenciadores compartilhando conteúdos sobre musculação, corrida e exercícios que geram grande engajamento no TikTok e no Instagram. Além disso, a gestão da Urbia também estabeleceu parcerias estratégicas com grandes marcas esportivas, como Nike, Centauro e PUG Skatepark, para o lançamento de produtos e a realização de eventos esportivos. Essas colaborações não só atraíram mais público, mas também ajudaram a transformar o local em um dos principais centros de práticas ao ar livre do Brasil.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
LUCAS GUINOTHER E VINÍCIUS AMERICANO

Bairro vive capítulo esportivo histórico

Nas ruas da Vila, primeira mulher atingiu 42km em prova internacional

Nem a chuva fina da manhã daquele domingo histórico na Vila Mariana, dia 6 de abril de 2025, foi capaz de esfriar o ânimo dos mais de 20 mil corredores que tomaram as ruas de São Paulo. Entre eles, Eulália Santos, 44 anos, atleta veterana que cruzou a linha de chegada como a primeira brasileira a completar os 42km da Maratona Internacional, conquistando a quarta colocação geral na prova. "Correr a maratona foi uma experiência única e incrível, sem dúvida uma das mais emocionantes da minha vida", conta.

Elá iniciou a trajetória em Sertãozinho e, anos depois, transformou as ruas de São Paulo em um palco para superar a depressão. A maratona, que teve largada e chegada no Parque Ibirapuera, passou por 18 bairros da cidade, incluindo a Vila Mariana, onde Elá sentiu o apoio da torcida. "Ali no km 35, já exausta, ouvi um senhor gritar: 'Você é a primeira brasileira!' Aquilo me deu forças. São Paulo tem essa energia, sabe?"

A organização e segurança do percurso do percurso também chamaram sua atenção. "A prova foi feita com tudo pensado para os competidores, estava repleta de staffs bem distribuídos cuidando da hidratação, da segurança e do trânsito. Foi bonito demais, uma escolha excelente pelos marcos turísticos de São Paulo", lembra Elá.

A Maratona Internacional de São Paulo é um dos eventos esportivos mais tradicionais do país. Com seus recém completados 29 anos de existência, foi lugar de troca de energia e força para os competidores. A Vila Mariana, por

quase três décadas, tem sido o palco principal desse evento. A maratona é símbolo de recordes e superação. Os bairros históricos, junto aos torcedores e moradores dos principais pontos da cidade, desde a largada até a chegada, mostraram que o esforço coletivo e as vitórias pessoais dos atletas sempre estarão presentes nessa celebração de quase 30 anos.

Segundo dados fornecidos pela Yescom, empresa responsável pela gestão do evento, há cerca de três anos o

Um morador que via o percurso me disse 'se fosse fácil eu estaria correndo aí também'

Rafael Alves, maratonista

número de inscrições para a maratona vem aumentando. Em média, a Maratona Internacional de São Paulo tem aumento de 16,8% de ano a ano, e isso tem reflexo direto em bairros. Como parte desse crescimento, o estreante na maratona Rafael Alves, de 34 anos, compartilhou suas sensações ao participar pela primeira vez em um evento tão grande quanto esse. "Eu sonhei muito com o momento de cruzar a linha de chegada, as pessoas gritando e aplaudindo. Foi muito perfeito, porque eu estava pla-

nejando tudo isso. Eu sonhei com isso."

As vias fechadas, o som ambiente de corrida e a movimentação de pessoas de outras regiões transformaram a paisagem habitual da Vila Mariana. Durante o percurso, diferentes pontos da cidade tornam-se parte da corrida. Bairros tradicionais, como o da região, podem ser vistos de diferentes formas, e foi isso que o recém maratonista relatou, "Tinha bairros que eu não conhecia, como por exemplo, a Vila Mariana. Quando você passa de carro ou moto, naquela região é completamente diferente. Você tende a experiência de correr nesse bairro, você consegue ver a segurança, a limpeza, e a higienização do local de prova. Foi perfeito!". O ponto de partida na história de Rafael, é a experiência entre tantas outras que surgem a cada nova edição da Maratona Internacional de São Paulo.

Para Julio Ferrucci, preparador físico de 34 anos, correr vai muito além de um simples exercício. "A corrida pode salvar vidas e transformar também a vida da comunidade." Ele destaca que, na região da Vila Mariana, o impacto do esporte ultrapassa os limites da pista. "Quantos corredores começaram porque viam amigos e parentes correrem e foram um canal de exemplo, para que saíssem do sedentarismo, da depressão e da ansiedade," comenta.

Segundo ele, o treino e a participação em provas como a Maratona Internacional de São Paulo, não apenas promovem a saúde física e mental, mas também influenciam positivamente os moradores do entorno tradicional por revelar histórias de superação, inspira-



FEITO: Eulália Santos conquistou quarto lugar no quadro geral
FOTO: TIÃO MOREIRA/ARQUIVO PESSOAL

não só atletas experientes, mas também estreantes. "Tinha muita gente de fora apoiando, gritando, pedindo para os maratonistas não desistirem", contou Rafael, corredor novato. Esses gestos simples viram combustível para quem corre. E, no fim, fazer parte de um evento tão emblemático transforma todos — tanto quem pisa o asfalto quanto quem oferece apoio na calçada.

Na Vila Mariana, esse evento já faz parte do calendário afetivo da comunidade, para os moradores locais, esse evento produz aspectos benéficos à cultura da região. Ao passar pelas ruas do bairro, os atletas recebem incentivos de moradores que gritam, estendem cartazes, batem palmas e oferecem palavras de apoio. Gestos simples como esses

criam uma atmosfera de acolhimento e motivação para os competidores.

Competir ou apenas assistir à prova virou sinônimo de movimento, de saúde e motivação. O evento reforça os laços do bairro com a cidade, promovendo hábitos saudáveis físico e mentalmente, e em uma maratona, superar limites é algo que também acontece dentro e fora do percurso. Rafael e Eulália, por exemplo, talvez nem saibam que, ao cruzarem a linha de chegada, também inspiraram novos passos rumo à 30ª edição, que mais uma vez encontrará no ponto de partida nas ruas cheias de histórias da Vila Mariana.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
ANA JULIA ALENCAR
KELLY CAROLINE

Para além de otimizar treinos, clínicas locais já utilizam inteligência artificial para tratar atletas



TECNOLOGIA: Tratamento com auxílio de aplicativo

Em um contexto cada vez mais orientado por dados e tecnologia, uma das ferramentas que mais cresce é a inteligência artificial, pois ela traz inovação e desenvolvimento contínuo na rotina de atletas. Segundo um estudo da Allied Market

Research (empresa de pesquisa de mercado e consultoria de negócios) o mercado global de IA no esporte alcançará mais de US\$29 bilhões até 2032. Desde os relógios inteligentes aos dispositivos vestíveis, os algoritmos de IA auxiliam no tratamento de lesões, na otimização de treinos e até mesmo na qualidade de sono.

Apesar de ser um tema global, também é possível encontrar inteligência artificial em pequenos polos esportivos, um exemplo, é a clínica esportiva "FTZ - Saúde no Esporte", localizada na Vila Mariana. Leandro Cesarino, fisioterapeuta da unidade, explicou como essa ferramenta tecnológica é aplicada. "A gente tem algumas ferramentas que contam com inteligência artificial. Um exemplo é o aplicativo de exercícios que você consegue escolher qual exercício passar para o paciente. E temos também um aplicativo de aferição de força, que é mais uma tecnologia do que uma IA por si só, que mede de forma precisa a força isométrica que o atleta consegue impor em diferentes movimentos do corpo", explicou.

O especialista também opinou se existem barreiras que impedem o uso mais frequente de IA nos procedimen-

tos da clínica, e se essas ferramentas digitais avançadas podem substituir parte do olhar humano na avaliação e acompanhamento de atletas. "A principal barreira é que grande parte dos tratamentos da clínica é individualizado. Não existe ainda uma ferramenta que consiga lidar com a complexidade das lesões no âmbito esportivo".

"Ela pode acelerar muitos proces-

A inteligência artificial vai ser sempre complementar

Leandro Cesarino, fisioterapeuta

sos de raciocínio e até de utilização de ferramentas tecnológicas para casos específicos. Mas ainda assim, o olhar humano é que vai conseguir de forma crítica, ponderar se essas ferramentas são necessárias em cada um desses momentos", argumentou.

André Teixeira, atleta amador de Rugby faz tratamento na FTZ, e

explicou que durante a semana, realiza treinos aeróbicos e de força, e que utiliza aparelho digital para auxiliá-lo nas atividades. Além disso, lembrou sobre como a IA é útil na aplicação de treinos personalizados. "Eu costumo usar o relógio inteligente para medir os batimentos cardíacos durante os treinos e a duração. Vejo o pessoal utilizando inteligência artificial para melhorar a rotina de treinos, criar programas personalizados — mesmo que não tão elaborados como a de um profissional e mais acessibilidade para você montar um programa de treino e seguir ele, aumentou demais. Eu tenho alguns amigos que fazem dieta utilizando o Grok e ChatGPT", contou.

No cenário global, esses algoritmos também são importantes para a alta performance de atletas de elite. Para prevenir lesões, dispositivos vestíveis como os relógios inteligentes e pulseiras fitness — que acompanham métricas de distâncias percorridas e monitoram batimentos cardíacos —, sensores GPS e acelerômetros — capazes de detectar a localização e variações de velocidade e intensidade dos movimentos —, são alguns exemplos que fornecem uma ampla coleta de dados. Esses dados revelam picos de es-

trese e desgaste físico dos atletas que são monitorados pela equipe médica para facilitar a recuperação de lesões.

Os algoritmos de IA também são eficazes na otimização de treinos e no aprimoramento do desempenho, por meio de métricas que indicam em quais aspectos o atleta se destaca e onde precisa melhorar. No futebol, por exemplo, se um meio-campista demonstra uma alta taxa de assertividade em passes, mas apresenta desgaste físico excessivo nas partidas, a IA identifica os fatores que explicam o problema e, assim, orienta a incorporação de exercícios focados no ganho de resistência e massa muscular.

Outro benefício é a melhora na qualidade do sono, com base em métricas fisiológicas. Os algoritmos conseguem analisar a duração total e os estágios do sono do atleta e, a partir disso, cria planos personalizados de recuperação. Os de IA fortalecem cada vez mais a medicina esportiva, impulsionando avanços físicos e técnicos na rotina de atletas.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO:
ERIC DE CARVALHO E
RAFAEL OLIVEIRA

Muros da Vila Mariana respiram cultura

Arte urbana do bairro colore os muros com vozes de resistência do Brasil



PARA SEMPRE RITA: Com o crescimento do hip-hop, grafite passou a ser aceito como expressão cultural e política; cantora que morou na região dá o 'tom' das cores

FOTO: MILENA BLANK

AVILA Mariana é um dos bairros mais tradicionais e culturalmente ricos de São Paulo, especialmente quando se trata de arte urbana. Entre as diversas manifestações artísticas presentes em suas ruas, o grafite ganha protagonismo: ele colore as paredes das avenidas mais movimentadas com expressões visuais que muitas vezes refletem as questões da sociedade contemporânea. Mais do que uma intervenção estética, na Vila Mariana é uma forma de comunicação e resistência, tornando o bairro uma verdadeira galeria a céu aberto. Uma das obras mais conhecidas na região é o mural em homenagem a Rita Lee na Avenida Domingos de Moraes, em frente ao metrô Vila Mariana, que traduz o diálogo entre arte e sociedade.

O mural foi criado por Paulo Terra, Pedro Terra e Eraldo Moura, três artistas plásticos que se uniram para eternizar a memória da "Rainha do Rock Brasileiro" que conta com a reprodução de duas fotos clássicas da cantora, uma dos anos 1960 e outra da década de 1990. Para Paulo Terra, artista com mais de 20 anos de trajetória, essa arte vai além da estética: é um diálogo com as pessoas e os espaços que elas ocupam. "A resposta foi bem satisfatória; muitas pessoas que conheceram a Rita se emocionaram bastante. É legal trazer esse legado, já que não tem mais a presença dela, a gente deixou em forma de imagem", relembrava Paulo.

O artista conta que o espaço, carregado de simbolismo, foi escolhido em homenagem ao bairro em que ela nasceu e viveu. Ao encontrarem o espaço que na época já possuía um grafite deteriorado, com ousadia, ele e sua equipe conversaram com o proprietário para ceder o local para a homenagem. Se locomovendo todos os dias do Campo Limpo para Vila Mariana, e buscando algum apoio para ajudar nos materiais e almoços, conseguiram realizar o mural que foi inaugurado em

maio de 2023.

Paulo acredita que o grafite ainda carrega sua essência contestadora, mesmo ganhando espaço em lojas e ambientes corporativos. Para ele, o impacto está em escolher temas que fazem sentido com a comunidade. "Eu gosto de retratar pessoas marcantes, que têm uma história. Não faria sentido homenagear alguém que eu nem conheço." As obras são um lembrete de que a arte urbana carrega histórias e resiste ao esquecimento dando significado às ocupações do espaço urbano.

O grafite é uma forma de resistência que eterniza histórias e dá voz a quem muitas vezes é ignorado

Paulo Terra, grafiteiro há mais de 20 anos

A partir de 2010, essa arte começou a ganhar destaque na Vila Mariana, com artistas locais e coletivos transformando muros em telas que expressam identidade e crítica social. João Nery, especialista em comunicação social, enxerga como uma abordagem artística única. "É uma representação legítima, sem dúvida, e reconhecemos isso desde o tempo das cavernas, pois o grafite em sua essência é uma comunicação não institucional, ele se diferencia de outras formas tradicionais de mídia, como por exemplo no jornalismo ou na publicidade, quando se

trata de passar uma mensagem social ou política".

Desde que ganhou visibilidade pública, o grafite é debatido pela sociedade, que fica em dúvida sobre a questão legal, quando ele ocupa o espaço público sem autorização do sistema. Muitos entendem como "crime" e sinalizam que se trata de ação que coloca a vida do artista em risco, outros sugerem que esse tipo de arte carrega o histórico de resistência ao sistema.

De qualquer forma, há uma marca entre os artistas: o anonimato. Cada um reconhece os diferentes traços, há estilos de linguagens do grafite que não são compreendidas pela maioria, e manter o anonimato tem a ver com uma defesa em relação ao Estado, que repreende essa forma de comunicação.

A autoria do grafite ajuda de certa forma a legitimar a própria ação que ele está fazendo, e cria uma marca pessoal do artista.

Nesse contexto, Nery analisa que o grafite é, acima de tudo, uma manifestação legítima de resistência e estética própria. "O grafite vai do crime ao museu, grafiteiros são artistas e são criminosos; a opinião pública entende de diversas formas", afirma, ressaltando a dualidade com que essa linguagem visual é percebida na sociedade.

Grafite democratiza acesso dos moradores ao debate crítico

Moradores da Vila Mariana demonstram interesse por discussões críticas sobre a arte. Ana, que mora há três anos na região, diz que as obras valorizam o turismo do bairro, e o bem-estar especialmente da comunidade local. "Existe o muro que faz homenagem à Rita Lee, que fizeram agora a pouco tempo. Acho que tem um potencial, fora que deixa o bairro mais bonito, fica mais legal de andar por aqui, é gostoso de caminhar".

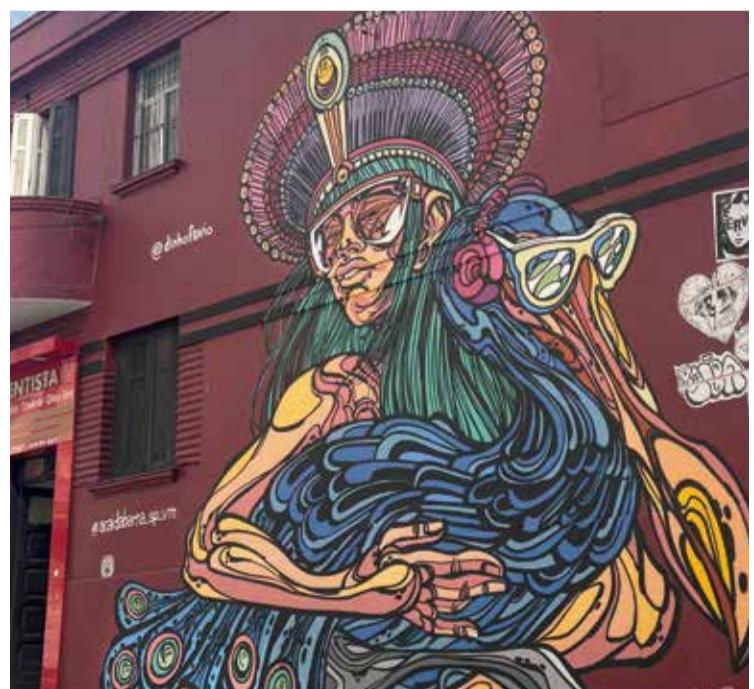
O grafite sempre esteve em constante transformação, especialmente com a ascensão do projeto "Grafite Cidade Limpa" de regulamentação e incentivo à arte de rua, especialmente o grafite, em São Paulo, em consonância com a Lei Cidade Limpa. A legislação controla a publicidade em espaços públicos e visa à redução da poluição visual. A implementação da lei permitiu que áreas antes ocupadas por outdoors e pinturas publicitárias, passem a ser utilizadas para grafites, democratizando o acesso à cultura e manifestações artísticas.

Iniciativas como o projeto "Grafite Cidade Limpa" mostram que a cidade está aprendendo a valorizar essa expressão, democratizando o acesso à

arte e revitalizando espaços públicos. Para artistas como Paulo Terra, o grafite permanece como uma ferramenta de resistência e diálogo, dando voz a histórias muitas vezes esquecidas. Já para os moradores, a arte traz beleza, identidade e pertencimento ao bairro.

Assim, o grafite continua a contar histórias e a desafiar percepções, pintando não apenas paredes, mas também as perspectivas de quem olha.

REPORTAGEM E DIAGRAMAÇÃO: MILENA BLANK E MARIA CLARA REIS



ANCESTRALIDADE: Mural de Dinho Flávio resiste na rua do Tamoio

FOTO: MARIA CLARA REIS